



RESUMO DO ANO AGRÍCOLA 2023/2024

QUADRO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Maio de 2025

CCDR
INOIRTE



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Programas e Avaliação

Divisões Territoriais da CCDR-N, IP

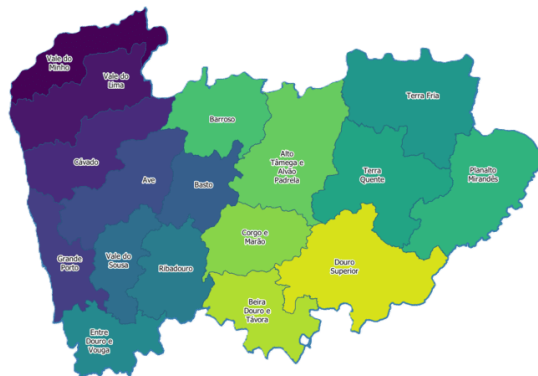
Projeto realizado em parceria com o
Instituto Nacional de Estatística

NOTA PRÉVIA

O Quadro da Produção Vegetal (QPV) e o [Estado das Culturas e Previsão de Colheitas](#) (ECPC) são projetos realizados em parceria com o Instituto Nacional de Estatística (INE), os quais, desde 1945, permitem que seja disponibilizada informação relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

O QPV é realizado anualmente, após o final do ano agrícola, que, por definição, ocorre a 31 de outubro. As culturas que são acompanhadas no ECPC são a principal fonte de informação para a elaboração do QPV. No caso da avaliação das áreas, toma ainda grande relevância a informação do IFAP, IP, relativamente aos dados do Pedido Único.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC e QPV durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS DE OBSERVAÇÃO

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a recolha a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

Do ponto de vista metodológico, a comparação é sempre realizada com as áreas e produções obtidas no ano anterior. Contudo, para facilitar a comparação com um ano normal, optou-se por explicitar este conceito como a média do último quinquénio (2019/2023). Assim, quando no texto é realizada referência ao ano normal, este representa a média do último quinquénio.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS / QUADRO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 - VILA REAL, PORTUGAL

+ 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Vinha extreme na Região Demarcada do Douro, Quinta do Sidrô – São João da Pesqueira

Foto por: Suzana Fonseca

Resumo

A campanha agrícola de 2023/2024 foi globalmente generosa com os produtores agrícolas, devido essencialmente à precipitação ocorrida durante o período de inverno e primavera. Os aproveitamentos agrícolas para rega mantiveram-se com níveis de armazenamento elevados ao longo de todo o ano agrícola, não comprometendo a irrigação das culturas.

As temperaturas registaram valores acima da normal climatológica em quase toda a região Norte, naquele que foi considerado o 4.º ano mais quente desde 1931.

Os maiores problemas registaram-se no final do ano de 2024, quando o território nacional (e o Norte em particular) foi assolado por alguns fenómenos climáticos que prejudicaram a colheita de produtos como a maçã, castanha, milho, entre outros.

A cultura da cereja também foi prejudicada pela ocorrência de geadas noturnas durante a floração, reduzindo a produção total de cereja, com maior incidência nas variedades temporãs.

Também o kiwi foi afetado pelas irregularidades meteorológicas, que resultaram numa heterogeneidade da rebentação, num menor número de botões florais e numa baixa taxa de vingamento dos frutos que, juntamente com a elevada pressão da PSA, provocou grande redução da produtividade e produção total.

As pomóideas registaram valores de produção e produtividade próximos da campanha anterior, apesar das perdas significativas provocadas pela tempestade “Kirk” durante o período da colheita. Contudo, a fruta viu reduzido o seu poder de conservação ao longo do período de comercialização.

A castanha registou um ano substancialmente melhor que o anterior, com a produção a atingir elevados parâmetros de qualidade, só possíveis pela quase inexistência de problemas fitossanitários.

No Entre Douro e Minho a produção de azeitona para azeite foi severamente afetada pela chuva ocorrida durante a floração e pela presença de Gafa e Mosca da Azeitona, que levaram à queda prematura da azeitona. Pelo contrário, em Trás-os-Montes, a produção situou-se em valores próximos da campanha anterior, resultando em azeites de excelente qualidade.

1. Índice

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura	5
2. Cereais para grão	15
2.1 Entre Douro e Minho	15
2.2 Trás-os-Montes	20
3. Batata	24
3.1 Entre Douro e Minho	24
3.2 Trás-os-Montes	27
4. Proteaginosas	29
4.1 Entre Douro e Minho	29
4.2 Trás-os-Montes	30
5. Frutos frescos	31
5.1 Entre Douro e Minho	31
5.2 Trás-os-Montes	39
6. Frutos secos	45
6.1 Entre Douro e Minho	45
6.2 Trás-os-Montes	47
7. Uva para vinho e de mesa	55
7.1 Entre Douro e Minho	55
7.2 Trás-os-Montes	59
8. Azeitona para azeite e de mesa	62
8.1 Entre Douro e Minho	62
8.2 Trás-os-Montes	64
9. Prados, pastagens e culturas forrageiras	66
9.1 Entre Douro e Minho	66
9.2 Trás-os-Montes	70
10. Fitossanidade	76
10.1 Entre Douro e Minho	76
10.2 Trás-os-Montes	82

1. Estado do tempo e sua influência na agricultura

Segundo dados apurados pelo Copernicus Climate Change Service (C3S), ERA5, o ano de 2024 foi considerado o mais quente a nível global (mundial), desde a era pré-industrial (1850) até esta data, registando temperaturas médias em 1,5°C acima do nível pré-industrial.

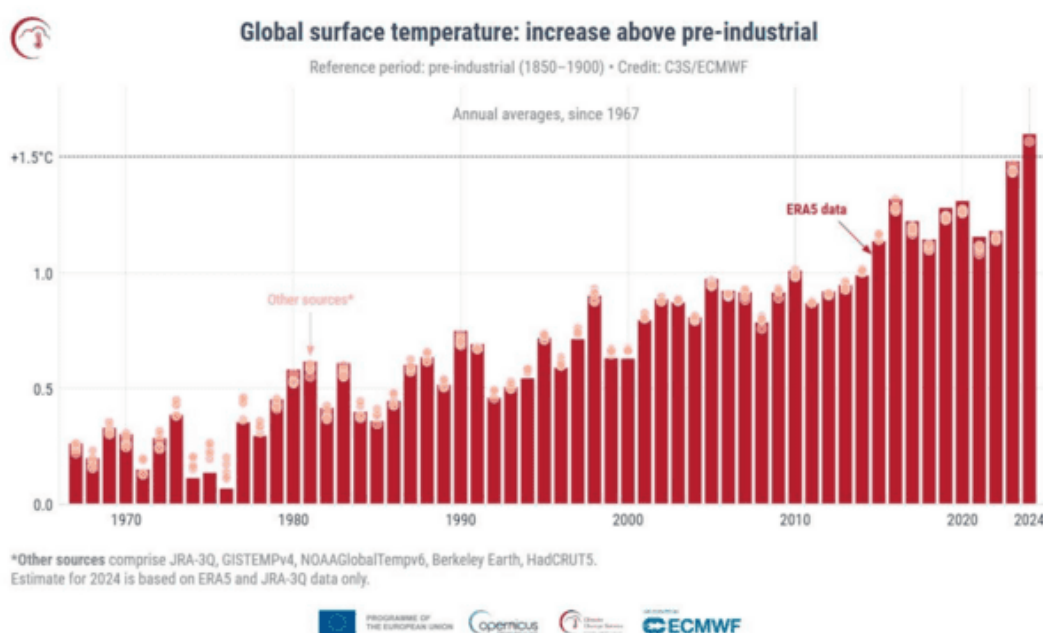


Figura 1. Anomalias anuais da temperatura superficial Global (em °C), relativamente à média 1850-1900, com base em vários conjuntos de dados de temperatura global.

Fonte: ERA5. Crédito: C3S/ECMWF in "Boletim Clima Anual 2024", IPMA¹

Se os valores globais de temperatura estão a aumentar, o mesmo se pode dizer ao nível da Europa e de Portugal Continental em particular, onde 2024 foi considerado o 4.º ano mais quente desde 1931.

A média da temperatura máxima do ar alcançou os 21,97°C (4.ª mais alta de sempre), enquanto a média da temperatura mínima se fixou nos 11°C (3ª mais alta desde que há registos).

¹ Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Em 2024 o nosso país atingiu 64 novos extremos de temperatura máxima e 177 novos extremos de temperatura mínima, 80% dos quais no período compreendido entre janeiro e março.

Parâmetro	Valor, local e data
Menor valor da temperatura mínima	-4,9° em Bragança/Aeródromo, dia 20 de janeiro
Maior valor da temperatura máxima	45,6°C no Pinhão, dia 10 de agosto
Maior valor da quantidade de precipitação em 24h	110,9mm em Viseu/Aeródromo, dia 06 de outubro
Maior valor da intensidade máxima do vento (rajada)	117,7 km/h no Cabo da Roca, dia 24 de novembro

Quadro 1. Valores extremos (00-24h) de temperatura do ar, precipitação e vento em 2024, Portugal Continental

Fonte: "Boletim Clima Anual 2024", IPMA

Se atendermos ao quadro 1., facilmente percebemos que os maiores extremos de temperatura em 2024 se registaram na região Norte.

Foram registadas 8 ondas de calor – 2 no inverno, 4 na primavera e 2 no verão – e o total da precipitação anual foi o 14º mais baixo dos últimos 24 anos, embora tenha afetado mais a Região Sul.

Estes parâmetros combinados levaram a que 20 a 35% do território de Portugal Continental se situasse em situação de seca fraca a moderada entre os meses de abril e junho, e de seca moderada a severa, nos meses de julho a setembro, classificando o ano como sendo globalmente muito quente e seco.

Se particularizarmos para as diferentes estações do ano, temos:

1. Inverno mais quente desde 1931/32, classificado como extremamente quente em relação à temperatura do ar e normal em relação à precipitação
2. 15ª primavera mais quente desde 1931, classificada como muito quente em relação à temperatura do ar e chuvosa em relação à precipitação
3. Verão classificado como quente em relação à temperatura do ar e normal em relação à precipitação
4. 11º outono mais quente desde 1931, classificado como muito quente em relação à temperatura do ar e normal em relação à precipitação

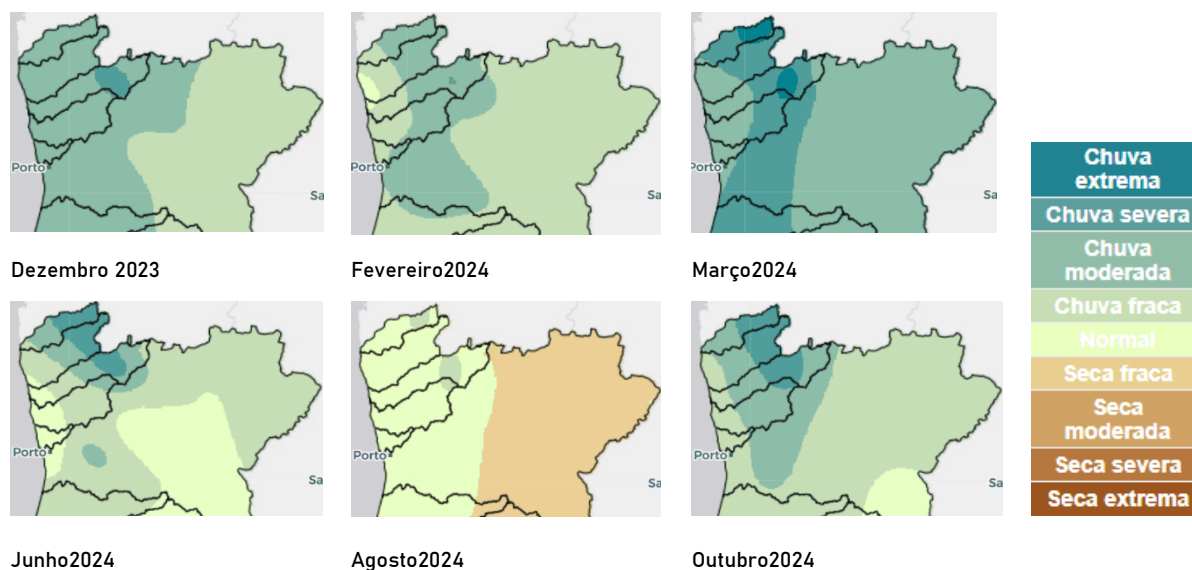


Figura 2. [Índice PDSI](#) registado durante o ano agrícola de 2023/2024

Fonte: <https://www.ipma.pt/pt/oclima/observatorio.secas/>

Comparando os mapas da figura 2 com os mapas análogos do ano anterior, facilmente percebemos que, apesar das elevadas temperaturas registadas em 2024, a região Norte foi pouco afetada por períodos de seca (para além dos meses apresentados, só em julho e setembro se registou alguma seca fraca em parte do território transmontano, sem que a região do Entre Douro e Minho sofresse qualquer episódio de seca).

As culturas agrícolas – temporárias ou permanentes – não estiveram sujeitas a condições de stress hídrico ao longo do seu ciclo vegetativo, havendo, no entanto, necessidade de reforçar a aplicação de fungicidas, no sentido de prevenir a ocorrência de doenças criptogâmicas.

Em resultado da presença da chuva ao longo de quase todos os meses (associada às elevadas temperaturas e à ausência de períodos longos de frio e formação de geadas), no Planalto Mirandês chegaram a temer-se quebras de produção, especialmente nos cereais, devido ao excesso de água no solo. Essas previsões não se confirmaram e, pelo contrário, a região registou aumentos de produção nas aveias e em algumas culturas permanentes – como a amendoeira e o olival.

Outras culturas – como a cerejeira – sofreram quebras associadas à ocorrência de geadas no período da floração e vingamento dos frutos.

Os abastecimentos de água para rega mantiveram-se em níveis elevados, quase sempre acima dos 50%, sem comprometer a capacidade de regadio das culturas da região.



Figura 3. Barragem de Penas Roias, destinado ao uso urbano, com 90-95% da sua capacidade, 16.07.2024, Mogadouro
Foto por: Miguel Martins

De um modo geral para as culturas mais representativas da Terra Fria, 2023/2024 foi um ano agrícola excelente. Os valores das produtividades e produções totais foram superiores, quando comparadas com os dois últimos anos, especialmente afetados pela seca. As produtividades estiveram muito próximas do expectável para a área de observação e, em algumas culturas, foram mesmo superiores aos valores médios estabelecidos no último quinquénio – nomeadamente nas culturas forrageiras, nos cereais praganosos – registando-se um aumento significativo na quantidade de amêndoa produzida, uma vez que existem cada vez mais áreas de plantações novas a entrar em produção.

O primeiro trimestre do ano foi marcado por um inverno chuvoso, com queda de neve nas cotas mais elevadas da área de observação, levando a reposição de todos os níveis freáticos no início do ano. Segundo o resumo do Boletim Clima Anual, publicado no IPMA, para o ano 2024, 70% da precipitação ocorreu em apenas 4 meses (janeiro, fevereiro, março e outubro).

Quando a primavera chegou, as barragens de Prada e Gostei apresentavam pleno armazenamento de água (fotos 5 e 9) e as nascentes, poços, furos e reservatórios de água apresentavam plena recuperação.



Figura 4. Barragem de Prada, 15.03.2023, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 5. Barragem de Prada, 18.03.2024, Vinhais



Figura 6. Barragem de Prada, 23.08.2023, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 7. Barragem de Prada, 18.08.2024, Vinhais



Figura 8. Barragem de Gostei, 23.03.2023, Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 9. Barragem de Gostei, 18.03.2024, Bragança



Figura 10. Barragem de Gostei, 21.08.2023, Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 11. Barragem de Gostei, 07.08.2024, Bragança

A primavera, nomeadamente o mês de abril, foi marcada por oscilações térmicas acentuadas, tendo-se verificado dias de calor extremo com temperaturas a atingirem os 30°C, alternados com dias de geadas, alguma queda de granizo e temperaturas baixas. Acontecimentos que comprometeram a floração e o vingamento de algumas culturas frutícolas, como foi o caso da cereja, ameixa, pêssago, maçã e pera.

O início do verão foi marcado pela ocorrência de precipitação, o que favoreceu as culturas forrageiras e os cereais praganosos, que após dois anos consecutivos de baixas produções devido a seca, animaram os produtores pecuários, minimizando a necessidade de aquisição de alimento para os diferentes efetivos pecuários.

A segunda quinzena do mês de setembro foi marcada pela saída do Despacho n.º 10836-B/2024, de 15 de setembro – *“Declaração da situação de alerta entre as 13h00 de 15 de setembro até às 23h59 do dia 17 de setembro de 2024, para todo o território continental”*. As condições meteorológicas dos referidos dias apontavam para um significativo agravamento do risco de incêndio rural em todo o território continental, tendo sido implementadas medidas de carácter excecional, a serem respeitadas de forma a minimizar o risco de incêndio.

A chegada do Outono trouxe novamente muita precipitação e o mês de outubro, um dos mais chuvosos do ano segundo o IPMA, coincidiu com o início da apanha da castanha, facto que condicionou o arranque da campanha.

No Douro Sul, onde se produz grande parte da cereja de Trás-os-Montes (TM), a produção foi fortemente afetada pela primavera chuvosa e, em particular por um episódio de geada ocorrido entre 8 e 9 de abril, que queimou grande parte da flor (em especial nas variedades temporãs) e reduziu o vingamento dos frutos. A precipitação regular que ocorreu no final da campanha provocou o rachamento da cereja, inviabilizando a sua comercialização e agravando as perdas de produção e de rendimento.

Na região do Entre Douro e Minho (EDM), de uma forma geral, as condições meteorológicas da primavera fria e chuvosa atrasaram os trabalhos devido ao encharcamento dos solos, resultando em sementeiras mais tardias (centeio, aveia grão, milho grão e culturas forrageiras) e sendo favoráveis à proliferação de doenças criptogâmicas, como o míldio que, ainda assim, foi possível controlar, não tendo provocado os prejuízos avultados registados no ano anterior.

O reduzido número de horas frio afetou a produção das fruteiras mais sensíveis à falta de dormência, como é o caso das prunóideas – pessegueiros e ameixieiras.

Tal como em TM, as baixas temperaturas e a precipitação do final do mês de março e início de abril coincidiram com a floração das variedades de cerejeira mais temporãs e prejudicaram o vingamento destes frutos. As chuvas de finais de abril e início de maio provocaram perdas por rachamento das cerejas.

Para o kiwi, se 2023 foi considerado um ano mau, 2024 foi ainda pior. As perdas na produção foram muito elevadas, pelo facto de se terem atingido tardiamente as horas de frio necessárias à quebra de dormência dos gomos, originando uma floração tardia e muito irregular e prejudicando a polinização e o vingamento dos frutos. As condições meteorológicas adversas deste período foram outro fator que contribuiu para as perdas elevadas.

Em junho o estado do tempo continuou a manifestar alternância, com variações relativamente bruscas entre períodos com temperaturas baixas para a época e muita precipitação, alternados com períodos de temperaturas relativamente altas. Alguma precipitação, mesmo que fraca e sob a forma de chuvisco em julho e agosto, foi benéfica para as culturas de primavera-verão.

Estas condições climatéricas dificultaram a taxa de vingamento nos pomares e na vinha, com grande incidência de desavinho e bagoinha nas vinhas. A ocorrência de precipitação originou quebras de produção nos mirtilos, porque favoreceu ataques de *Botrytis* e *Drosophila*, bem como rachamento dos frutos.

A subida brusca de mais de 10°C da temperatura máxima nos dias 22 a 24 de julho causou danos por escaldão nas vinhas, especialmente na casta “Avesso”.

O ano agrícola ficou marcado pela passagem da tempestade “Kirk”, que ocorreu no dia 9 de outubro e provocou prejuízos, de menor monta em vinhas e infraestruturas agrícolas, mas com muito significado nos milhos para grão e para silagem que ainda estavam por colher.

Os incêndios de setembro tiveram um grande impacto em diversas freguesias do Norte de Portugal, o que levou o governo a decretar estado de calamidade e a acionar os dispositivos de atribuição de apoios, para ressarcir os agricultores dos prejuízos sofridos. De uma forma geral, as culturas forrageiras, prados e pastagens beneficiaram com o estado do tempo. A precipitação que ocorreu até ao fim do ano dificultou as colheitas do milho grão e silagem, tendo assegurado a reposição das reservas hídricas, com a região fora da situação de seca.



Figura 12. Paisagem rural, Sampriz – Ponte da Barca, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

As reservas de água mantiveram-se em bom nível, não constituíram limitações para a rega das diversas culturas, favoreceram o desenvolvimento dos milhos, permitiram o controlo das doenças criptogâmicas das diversas culturas e não favoreceram o desenvolvimento das pragas nomeadamente, traças, cigarrinhas, bichado, mosca do mediterrâneo, que se têm mantido em níveis moderados.



Figuras 13 e 14. Campos encharcados devido às chuvas em Arcozelo (esq.) e em Carreço (dir.), zona de observação do Lima
Fotos por: Sandra Coelho



Figuras 15 e 16. Regos tradicionais em Távora (esq.) e em Padrão (dir.), zona de observação do Lima
Fotos por: Sandra Coelho



Figura 17. Caudal do Rio Neiva – Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Nos gráficos seguintes – Gráfico 1, Gráfico 2 e Gráfico 3 – está refletido o comportamento da temperatura e da precipitação em relação à normal climatológica de 1971-2000, respetivamente da Região Norte, Região Agrária do Entre Douro e Minho e Região Agrária de Trás-os-Montes, sendo perceptível que apenas nos meses de dezembro de 2023 e setembro de 2024 a temperatura se situou abaixo dos valores normais. Nos restantes meses, e de forma transversal a toda a região Norte, os valores foram sempre superiores.

No que diz respeito à precipitação, esta foi elevada e concentrada nos meses de inverno, com o período estival a ser seco – em junho e julho foi muito baixa e em agosto foi praticamente nula.

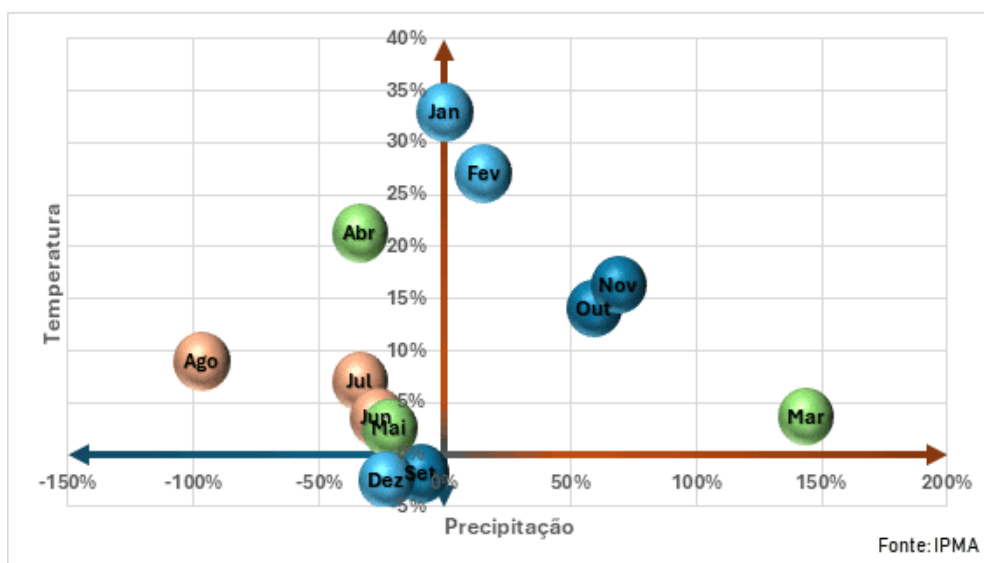


Gráfico 1. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada entre novembro de 2023 e outubro de 2024, face às normais climatológicas (1971-2000).

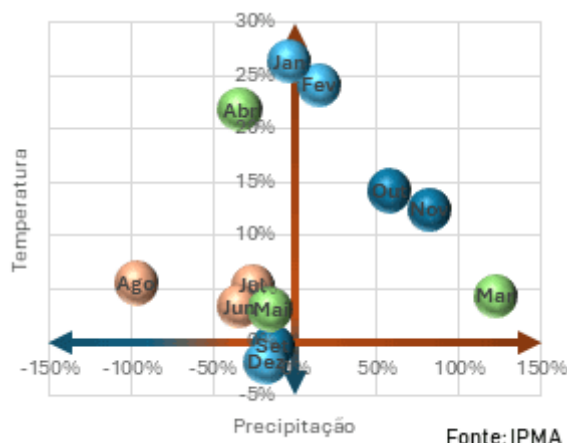


Gráfico 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada no EDM entre novembro de 2023 e outubro de 2024, face às normais climatológicas (1971-2000).

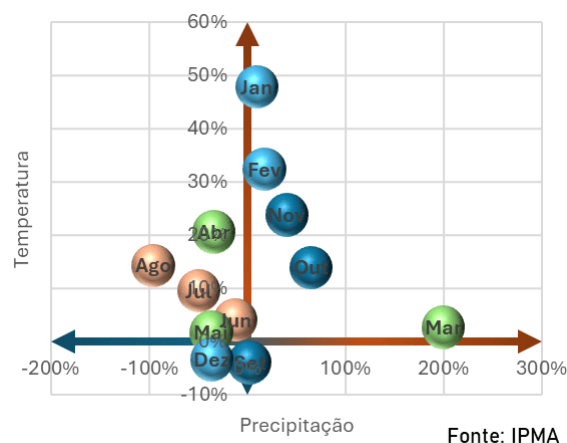


Gráfico 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e da precipitação acumulada em TM entre novembro de 2023 e outubro de 2024, face às normais climatológicas (1971-2000).

2. Cereais para grão

2.1 Entre Douro e Minho

Desde o início da campanha, devido às condições meteorológicas adversas, as sementeiras dos cereais praganosos foram realizadas de forma cautelosa e mais tarde que o normal. Contudo, as sementeiras efetuadas antes das chuvas desenvolveram favoravelmente.

A área de aveia manteve-se igual à do ano 2022/2023 com diminuição da produção (-7%), enquanto a área de centeio teve uma ligeira diminuição (-5%), com uma diminuição da sua produção (-6%) e o trigo teve um aumento considerável de mais de 55% da área semeada e consequente aumento da sua produção (+84%), devido a um agricultor de Celorico de Basto, cujo filho é técnico especialista em cereais e resolveu apostar nesta cultura.

O desenvolvimento vegetativo destas culturas – que no EDM são praticamente para auto utilização nas explorações e para autoconsumo das famílias – foi considerado normal durante o ano de 2023/2024.



Figuras 18 e 19. Parcela de aveia para grão, com baixa densidade de plantas no final da maturação (esq.) e parcela onde é visível a área que não foi colhida devido à proliferação de infestantes (dir.), Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figuras 20 e 21. Centeio na fase de espigamento, em MPB em Amares (esq.) e colheita tradicional em medas em Terras de Bouro (dir.), zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

As sementeiras de milho, tanto de sequeiro como de regadio, foram realizadas mais tarde do que o habitual, devido às chuvas que atrasaram os trabalhos agrícolas, deixando os campos encharcados. Verificou-se uma ligeira descida nas áreas semeadas (-5% do milho regadio e -3% do milho de sequeiro), por comparação com o ano passado. Esta situação pode estar relacionada com o facto de o milho destinado ao consumo aparecer no mercado com preços muito baixos, o que desencoraja a produção por parte dos agricultores. A fase de floração correu bem, assim como o resto do ciclo, constatando-se um bom desenvolvimento vegetativo e uma cor verdejante e exuberante.

Praticamente em todos os milharais as espigas estavam completas e bem formadas. Em outubro, as colheitas de milho estavam praticamente finalizadas.

Continuam a ser reportados ataques de insetos do dolo (alfinetes e várias espécies de *Agriotes* e rosca *Agrotis*), mesmo com aplicação de inseticida ao solo e uso de sementes tratadas. Este problema tem sido recorrente nos últimos anos e os agricultores queixam-se que os inseticidas homologados não eliminam estas pragas.

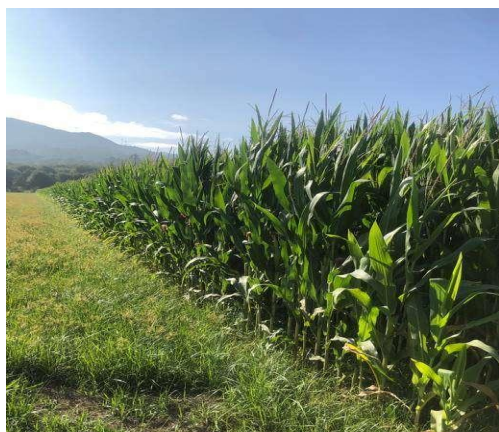
A tempestade “Kirk” causou inúmeros estragos, com muitas espigas caídas e plantas tombadas, sendo de registar que os agricultores que usam a técnica de corte da bandeira, observaram menos estragos do que nos campos onde não foi cortada a bandeira do milho. Para garantir uma secagem eficaz dos cereais, foram utilizados espigueiros e câmaras de secagem pelos produtores de maior dimensão.

Como já é habitual, os ataques de javali continuam a destruir áreas consideráveis por toda a sub-região do EDM, sendo que este ano os prejuízos causados foram maiores. Também se registaram estragos provocados pelos pássaros na época de sementeira, obrigando a ressemeiar algumas áreas.



Figuras 22 e 23. Milho de sequeiro com sintomas de stress hídrico (esq.), em Paços de Ferreira. Milho de sequeiro em fase de colheita, com espigas bem formadas (dir.), em Pias - Monção, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figuras 24 e 25. Milho grão de regadio, com bom desenvolvimento vegetativo (esq.) e espanta pássaros e fitas refletoras usadas pelos agricultores para tentar minimizar os estragos provocados pelos pássaros quando da emergência do milho (dir.), em Ganfei - Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

Todos os factos acima enumerados levaram a que a produção de milho grão de regadio sofresse uma diminuição (-12%) em relação ao verificado o ano passado, enquanto a diminuição da produção de milho grão de sequeiro em relação ao ano transato foi menor (-5%).



Figura 26. Eira comunitária de Porreiras - Paredes de Coura, composta por espigueiros, alpendres e moinhos de água recuperados (construções outrora utilizadas pela comunidade local para as lides da colheita do milho grão, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



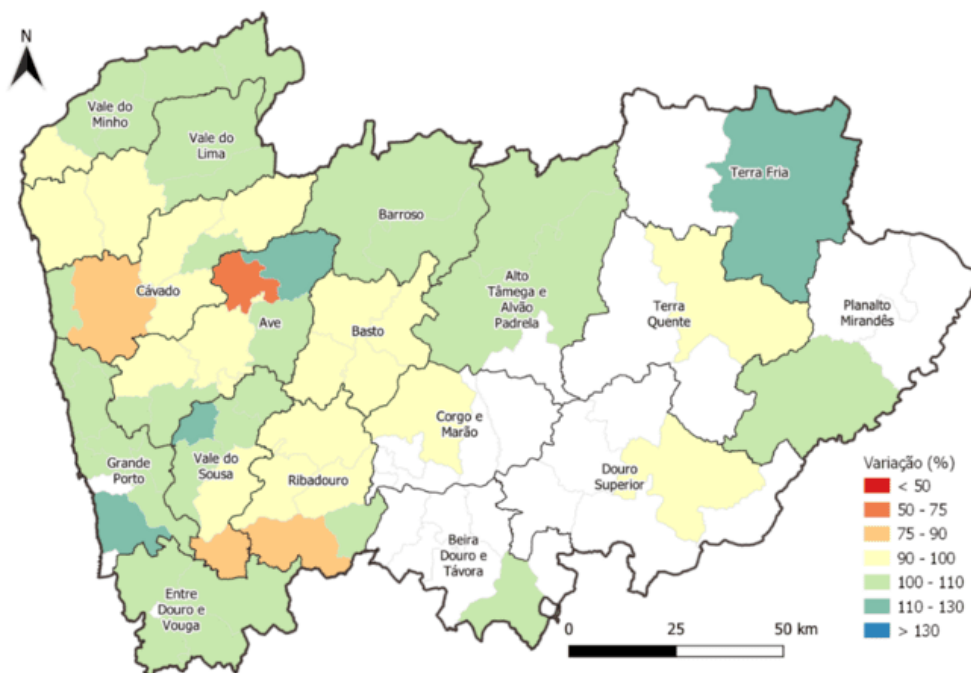
Figura 27. Semente de milho a secar depois de debulhado, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figuras 28 e 29. Milho grão de regadio, alagado e tombado, afetado pela tempestade “Kirk”, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura



Mapa 1 - Evolução da produtividade de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024.

2.2 Trás-os-Montes

Apesar da gradual redução que a região de Trás-os-Montes tem vindo a sentir na área de cereais anualmente semeados, a campanha de 2024 decorreu de forma favorável e, de uma forma geral, os cereais de outono/inverno tiveram uma boa germinação, sem atrasos ou abrandamentos de destaque no seu desenvolvimento, registando-se inclusivamente um vingamento um pouco mais rápido que o normal para a época.



Figura 30. Cultura de trigo, junho 2024, Sendim – Mogadouro, com os típicos tons dourados da cultura, resultantes de um bom desenvolvimento e produção.

Foto por: Miguel Martins



Figura 31. Cultura de aveia, abril 2024, Prado Gatão – Mogadouro, em que o solo continha muita água, mas onde as plantas tiveram boa germinação e posterior desenvolvimento, apesar da presença abundante de vegetação espontânea.

Foto por: Miguel Martins

Nos meses de primavera alguns produtores recearam quebras de produção, em virtude do encharcamento dos solos, situação que não se veio a confirmar. Pelo contrário, verificou-se um aumento na produção, transversal a todas as culturas cerealíferas produzidas no Planalto Mirandês.

Na Terra Fria a campanha de colheita dos cereais de outono/inverno decorreu sem percalços. Em resultado das chuvas e das temperaturas mais baixas registadas no mês de maio, a maturação do cereal foi mais tardia, quando comparado com o ano anterior (ver fotos 32 a 36) e as searas estiveram verdejantes até meados de junho, sendo que só a partir do dia 08 de julho se verificou o início do corte dos cereais nesta região.



Figura 32. Cereais de out/inv (centeio), 24.05.2023, Deilão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 33. Cereais de out/inv (centeio), 20.05.2024, Deilão – Bragança

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO



Figura 34. Centeio, 16.06.2023, Deilão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 35. Centeio, 06.06.2024, Deilão – Bragança

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO



Figura 36. Centeio, 24.06.2024, Deilão – Bragança

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO

Foi um ano de excelência para as culturas cerealíferas, quer em grão quer em palha e as produtividades foram superiores, quando comparadas com o ano anterior, assumindo mesmo valores superiores ao normal para a área de observação.

De um modo geral o grão apresentava qualidade para a moagem, para utilização em panificação e para triturar e utilizar em rações para alimentação animal. No caso do centeio, a cultura mais representativa da área de observação, a produtividade foi de 1400kg/ha em grão e 4020kg/ha em palha o que, segundo declarações dos produtores e conforme observado em campo, significa que foi um ano excelente. A cultura do trigo foi exceção – apresentou-se menos produtiva e o seu grão não tinha qualidade. As espigas apresentavam manchas escuras e o grão também, sinal da presença de fungos que se desenvolveram ao longo do ciclo cultural, devido à constante humidade e às oscilações térmicas no início da primavera (fotos 37 e 38).



Figuras 37 e 38. Parcela com trigo e pormenor do grão, 10.07.2024, Vila Meã – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 39. Parcela com aveia, julho 2024, Vila Meã
- Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 40. Parcela com tritcale, julho 2024, Travanca
- Vinhais

O contentamento dos produtores foi geral, especialmente dos produtores pecuários, uma vez que estavam perante duas campanhas de baixas produções e verificava-se escassez de grão e de palha no mercado nacional, fazendo disparar o preço e a importação de palha em grandes quantidades (oriunda dos mercados espanhol e francês).



Figura 41. Aspeto da aveia
Terra Fria - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 42. Aspeto da cevada



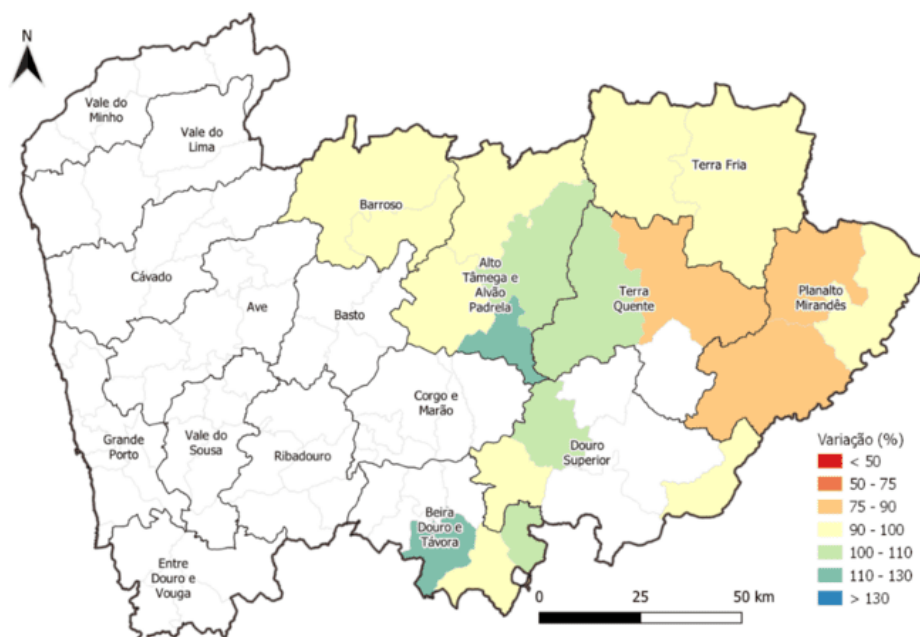
Figura 43. Aspeto do tritcale



Figuras 44 e 45. Cereais de out/inv (centeio) e aspeto do grão,
05.07.2024, Vila Meã - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

As produções do ano de 2024 normalizaram o *stock* das explorações da Terra Fria e os preços no mercado nacional voltaram a descer, tanto do grão como da palha. Os comerciantes locais que vendem os adubos declararam que a procura pelos fertilizantes para adubação de cobertura, no ano 2024, foi maior e a quantidade vendida foi superior, quando comparado com o ano anterior, em que os preços dos fatores de produção estavam muito altos.



Mapa 2 - Evolução da produtividade de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.

3. Batata

3.1 *Entre Douro e Minho*

A maioria das plantações de batata está situada em pequenas áreas, nas chamadas “hortas familiares” e destinam-se ao autoconsumo e auto utilização, havendo, contudo, na zona de observação do Grande Porto, agricultores que produzem grandes áreas de batata com objetivo comercial.

Na zona de observação do Ave, em 2024, também se começou a verificar o aparecimento de agricultores virados para o mercado que cultivam grandes áreas de batata para venda.

Verificou-se uma menor disponibilidade de batata-semente no mercado, não tendo havido quantidade suficiente para satisfazer os pedidos, principalmente nas variedades mais conhecidas pelos agricultores.

Para além disso, os constrangimentos desta atividade passaram pela escassez de batata-semente da campanha anterior, pelo aumento do custo dos fatores de produção, pela dificuldade e custo da mão de obra, pela falta de eficácia dos produtos fitofármacos homologados para o combate da traça da batateira (*Phthorimaea operculella*) e anti-abrolhantes e pelo desconhecimento das medidas preventivas para o combate à traça, levando à diminuição da área plantada (-7% da batata de sequeiro e -4% da batata de regadio).



Figura 46. Plantações de batata para autoconsumo (“na horta”), Lindoso, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 47. Parcela de batata de sequeiro com sintomas de ataque de míldio, em Sopo – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figuras 48 e 49. Colheita de batata de sequeiro (primor) em Terras de Bouro (esq.) e batata de regadio em plena floração, Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

A Primavera chuvosa dificultou a oportunidade da realização dos tratamentos e o solo encharcado não foi ideal para o desenvolvimento dos tubérculos.

Verificaram-se estragos consideráveis na batata armazenada com a traça (*Phthorimaea operculella*) e parte dessa batata, inutilizada para consumo humano, foi utilizada na alimentação animal.

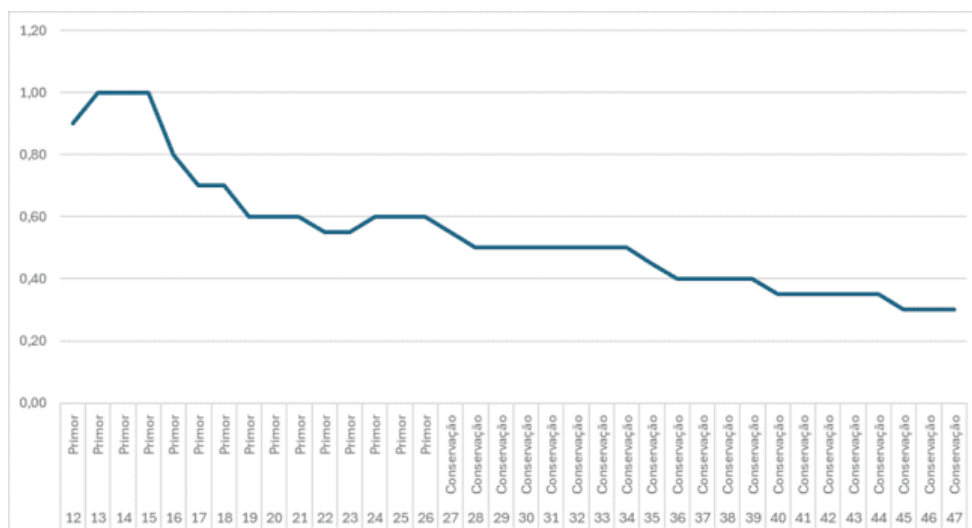


Gráfico 4. Evolução do preço frequente da batata, no ano agrícola 2023/2024, no mercado de produção do EDM
Fonte: Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

De salientar que a época de comercialização da batata de sequeiro (primor) terminou na semana 26 (de 2024), para de seguida começar a época da batata de regadio.

3.2 Trás-os-Montes

Relativamente à cultura da batata, a campanha decorreu sem percalços. Iniciou-se em agosto e ainda foi possível observar no mês de outubro, nas parcelas localizadas em cotas mais elevadas, como é o caso de Montesinho, Nogueira, Rebordãos e Travanca, a apanha deste tubérculo.

No geral esta cultura teve um aumento médio da produtividade em cerca de 10%, relativamente à campanha anterior. A área de plantação manteve-se no caso da batata de sequeiro e na batata de regadio registou-se uma diminuição de cerca de 10%. Esta cultura continua a ser feita num contexto de horta familiar, em áreas de pequena extensão, maioritariamente para autoconsumo (fotos 50 e 51).



Figura 50. Batata em regime de regadio, julho 2024, Nogueira - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 51. Batata em regime de sequeiro, julho 2024, Travanca - Vinhais

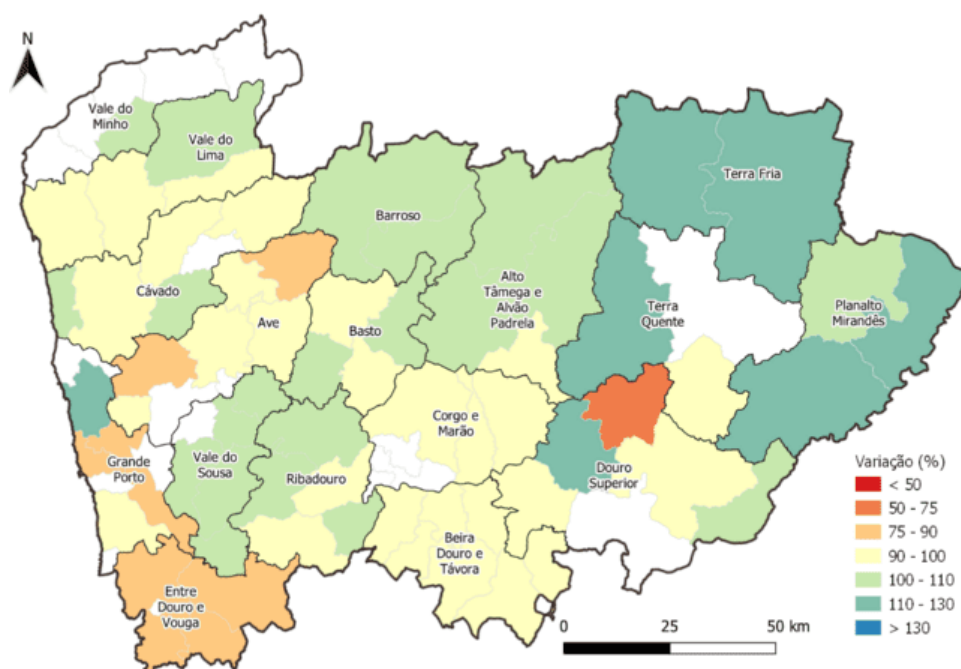
Segundo declarações dos produtores, confirmadas por observação (foto 52), os tubérculos foram de boa qualidade, apesar de bastante assimétricos no seu calibre. Quando comparada com a campanha anterior, esta campanha foi considerada como boa.



Figura 52. Aspeto da batata em regime de sequeiro, agosto 2024, Deilão - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Nos concelhos abrangidos pelo Douro Sul, a área e a produção total de batata aumentaram consideravelmente (+140%), se tomarmos o ano de 2023 como comparação. Por aquilo que foi possível apurar, os motivos prendem-se com a subida de preço da batata de consumo – que volta a tornar interessante a realização desta cultura para comercialização, mas também para autoconsumo.



Mapa 3 - Evolução da produtividade de batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.

4. Proteaginosas

4.1 *Entre Douro e Minho*

A cultura do feijão, regra geral, é realizada com base na utilização de sementes próprias do ano anterior e destina-se para autoconsumo por parte das famílias do agricultor.

A cultura do feijão, em alguns casos consociada com o milho, é pouco representativa na região e restringe-se à produção familiar para autoconsumo.

As condições de temperatura e disponibilidade de água para rega foram favoráveis ao seu desenvolvimento vegetativo, mas houve algumas dificuldades, nomeadamente a floração menos abundante e dificuldades no vingamento.

Devido às boas condições para a floração e vingamento, o feijão apresentou um aumento da área semeada (+7%), assim como um aumento da sua produção total na sub-região do EDM (+10%). A cultura do grão-de-bico é praticamente inexistente no EDM.



Figuras 53, 54 e 55. Da esquerda para a direita observa-se feijão cultivado estreme, consociação de feijão com milho e vagem do feijão, em Terras de Bouro, zona de observação do Cávado.

Fotos por: Maria Laura

4.2 Trás-os-Montes

À semelhança do que acontece no EDM, a produção de feijão e grão-de-bico em TM tem normalmente um carácter familiar, para autoconsumo dos produtores e das suas famílias.

Em 2024 foi possível constatar um aumento considerável da área semeada com feijão na ordem dos 78%, enquanto o grão-de-bico teve um aumento mais humilde (+23%), ainda que contrariando a tendência de descida dos últimos anos.

Esta inversão súbita no comportamento dos agricultores da região poderá estar de alguma forma associada à Intervenção A.1.2.6. – *Pagamento às Proteaginosas*, criada ao abrigo do PEPAC, no sentido de “*promover um setor mais sustentável, aumentar o grau de aprovisionamento e também compensar os benefícios destas culturas para os objetivos ambientais e climáticos, sendo de destacar o seu contributo para a diversificação de culturas e gestão sustentável do solo*”.

O acréscimo de rendimento anual, ainda que ligeiro, resulta sempre como um atrativo à introdução de novas práticas, em especial quando se trata de produtores de pequenas dimensões.

5. Frutos frescos

5.1 Entre Douro e Minho

Pomóideas e prunóideas

A área das pomóideas foi idêntica à do ano anterior.

Na região, os pequenos pomares quase não são tratados ou os tratamentos fitossanitários são poucos e realizados fora da data oportuna, pelo que muita fruta cai ao chão, devido ao ataque do bichado (*Cydia pomonella*) e da mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). Esta fruta é aproveitada na alimentação animal (até porque não convém ficar no solo para não constituir foco de infeção para o ano seguinte).

Quanto à comercialização, esta é realizada através dos circuitos curtos (venda em mercados locais), em particular as variedades regionais, que são muito procuradas.

As condições meteorológicas desfavoráveis na fase de floração, associadas à insuficiência de frio invernal e ao facto de a polinização ter ocorrido durante um período de chuvas, prejudicaram tanto o vingamento como a qualidade dos frutos, resultando em frutos pequenos e disformes. Esta situação levou a uma acentuada quebra de produção (-8% para a maçã, -4% para o marmelo e -14% para a pera) em comparação com o ano de 2023.

De assinalar que a tempestade “Kirk” também causou algum impacto negativo na produção destes frutos.

Quanto às prunóideas, a situação é semelhante pois a floração e vingamento decorreram em condições meteorológicas adversas, nomeadamente com grandes oscilações nas temperaturas, frequentes períodos de chuva e ventos fortes. Estes constrangimentos tiveram como repercussão uma diminuição da produção (-11% na ameixa, -10% na cereja, -19% no damasco e -20% no pessegueiro), em comparação com o ano transato. As áreas destas culturas são idênticas às do ano passado.



Figuras 56 e 57. Maçã regional “Porta da Loja”, afetada pela tempestade “Kirk”, Braga, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

A campanha da cereja foi muito má, à semelhança da campanha anterior. A produção das variedades temporãs foi praticamente nula devido às más condições meteorológicas de temperaturas baixas e pluviosidade na época da floração/vingamento.

As variedades tardias tiveram condições de vingamento um pouco melhores, especialmente nas cotas de altitude mais elevadas da região de Resende e, no final da campanha, apesar de baixas produções a qualidade dos frutos melhorou significativamente.



Figura 58. Macieiras em início de floração, Refoios do Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 59. Macieira com pouca fruta vingada, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

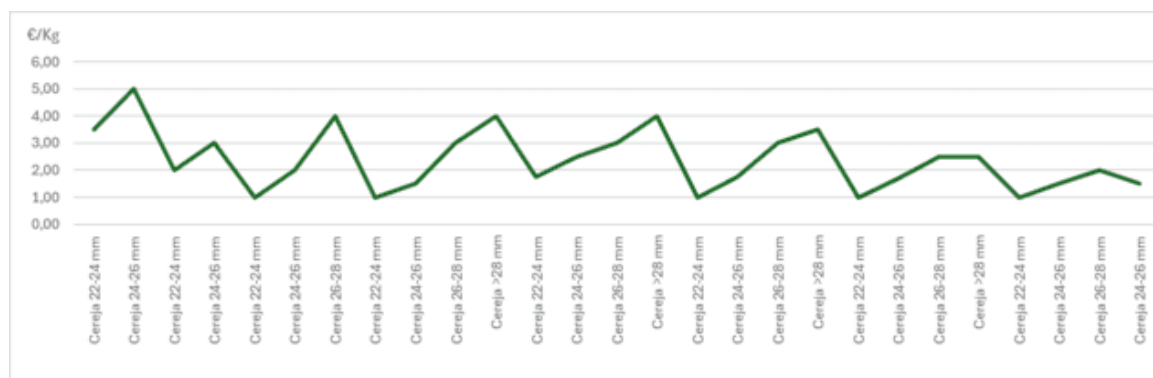


Gráfico 5. Evolução do preço da cereja no ano agrícola 2023/24, no EDM

Fonte: Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

De salientar que a cereja tem cotação no SIMA, registada entre a semana 18 e a semana 26 de 2024.

Citrinos

Verificou-se um aumento nas áreas destinadas à produção de citrinos (+9% de laranjeiras e +7% de limoeiros), com novas plantações realizadas durante o ano agrícola.

As árvores apresentaram uma boa carga de frutos. O limão é o citrino que está a ter uma maior importância, tendo-se registado um aumento da produção da ordem dos +15%.



Figura 60. Laranjeira em plena floração, Santa Maria de Rebordões, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 61. Laranjeira com grande carga de fruta, Sistelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Nos citrinos em maturação verificou-se uma queda muito acentuada de fruta, provocado pela picada da mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). As largadas de *Tamarixia dryi*, parasitóide da psila africana dos citrinos (*Trioza erytrae*), nos concelhos onde esta praga tem tido mais impacto nos últimos 3 anos, tem sido fundamental para o seu controlo.

Contudo, uma grande parte das árvores são dispersas e destinam-se principalmente ao consumo do agregado familiar.

Kiwis

Em abril, os pomares de kiwi já se encontravam com um crescimento vegetativo avançado para a época, com rebentações, crescimento de ramos e formação de gomos auxiliares. Em maio, os pomares encontravam-se na fase da floração. No entanto, a falta de frio invernal afetou as estruturas florais e, posteriormente, o frio registado provocou o aborto de muitas inflorescências.

Houve falta de produtos eficazes no mercado para garantir indução floral – observaram-se varas sem uma única flor (linhas e linhas em certos pomares) e quando tinham flor aconteciam principalmente no último terço e, no resto da vara a fruta acabou por não vingar.

A primavera foi muito chuvosa e húmida, o que favoreceu o PSA na flor, originando aborto floral. Por outro lado, as flores femininas abriram primeiro que os machos, originando dessincronização na polinização, associado a dificuldade na compra e custo elevado de pólen certificado (sem PSA).

Muito do fruto não ganhou peso, em resultado de uma deficiente polinização e reduzido número de sementes. Todos estes fatores conjugados levaram à quebra de produção (-42%), apesar de ter havido um ligeiro aumento da área plantada na sub-região do EDM (+3%), quando comparado com o ano agrícola anterior. Houve agricultores com quebras de 80%.

De uma forma geral, as colheitas começaram no início de novembro e decorreram de forma organizada, embora com algumas dificuldades devido às chuvas.



Figura 62. Planta de kiwi em floração, Correlhã – Ponte de Lima, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 63. Pomar de kiwi “Arguta” fortemente afetado pelo escaldão, S. Martinho de Coura – Paredes de Coura, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves

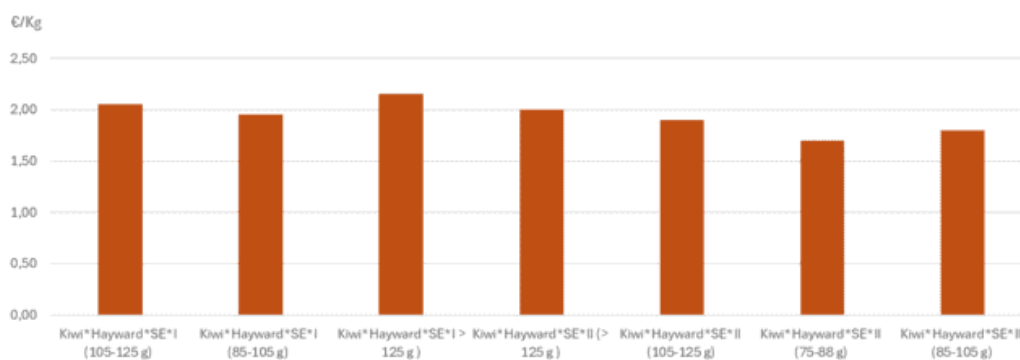
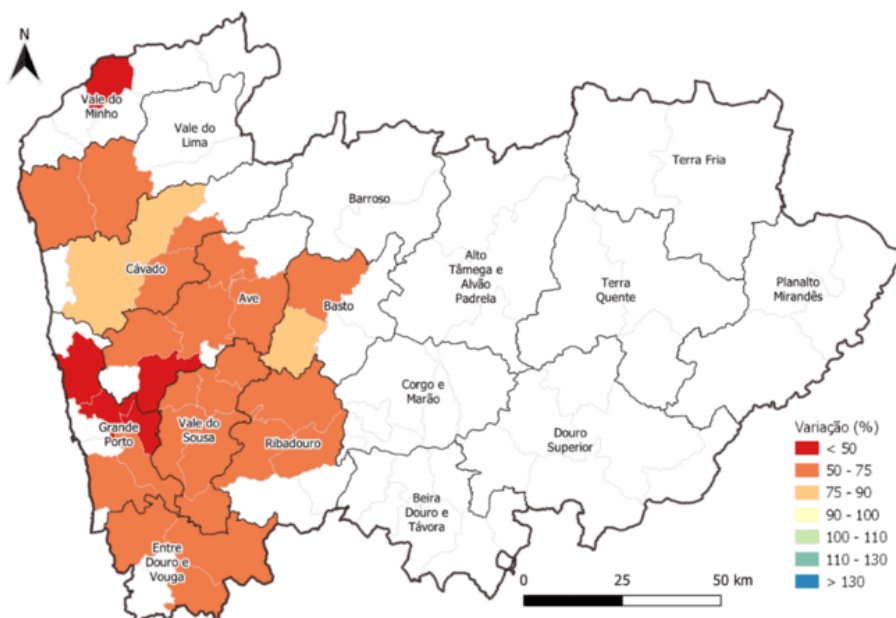


Gráfico 6. Cotações do kiwi em função da sua qualidade e calibre, no ano agrícola 2023/24, no EDM

Fonte: Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

De referir que a comercialização do kiwi de origem nacional no ano de 2024 foi interrompida na semana 27, retomando as cotações apenas na semana 45. Neste intervalo, o mercado nacional foi abastecido com kiwi importado.



Mapa 4 - Evolução da produção de kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.

Figueira

Apesar de ter havido uma drástica redução na área de figueiras nos últimos anos, houve um acréscimo significativo da produção de figos na presente campanha (+32%), ainda que de fraca qualidade. Isto ficou a dever-se à precipitação na fase de maturação, levando a que a fruta ficasse pouco doce e sem capacidade de conservação.

Mirtilo

Em março o granizo afetou as variedades mais precoces e com fruto formado, levando ao aparecimento das podridões. Em abril as variedades mais precoces encontravam-se na fase I, ou seja, frutos em desenvolvimento. As variedades mais tardias encontravam-se entre a fase da floração e início da queda das corolas, mas com a descida abrupta das temperaturas e a chuva, a flor acabou por fechar e cair. Em maio as variedades mais tardias encontravam-se na fase de vingamento e as mais precoces já em maturação.

As colheitas iniciaram-se em finais de maio e decorreram normalmente, enquanto não chovia. Durante esta campanha, os pomares de mirtilos apresentaram, de uma forma geral, menos quantidade de frutos, mas com boa qualidade e bom calibre.

Alguns pomares enfrentaram problemas com a quantidade de fruta danificada pela chuva, especialmente aqueles que não possuem qualquer proteção. Em julho a colheita das variedades mais precoces já estava concluída. Para as variedades mais tardias, a maturação foi acelerada, devido às temperaturas mais altas. Apesar de uma diminuição na produção, a qualidade dos frutos foi boa e com bom calibre.



Figura 64. Mirtilos prontos a colher, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

O custo e a falta de mão de obra são um grande problema, mesmo recorrendo a mão de obra emigrante, que é insuficiente e mais cara. Quem pode e tem, recorre à ajuda familiar.

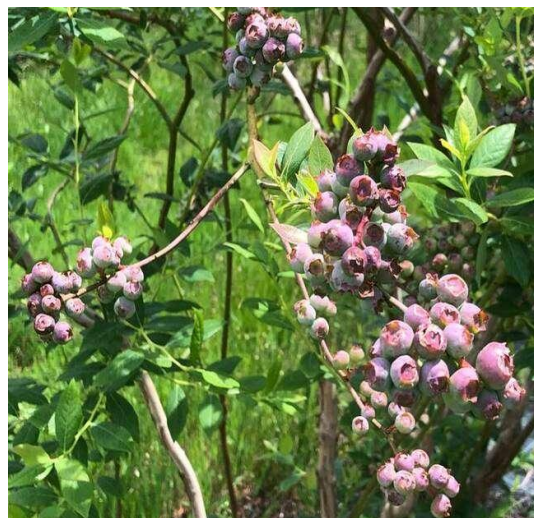
A mosca (*Drosophila suzukii*) foi relativamente controlada e o fruto teve maior grau de dureza.

A área de mirtilo manteve-se igual à do ano passado, tendo havido uma diminuição (-5%) da produção em comparação com o ano passado.



Figura 65. Mirtilos da variedade "Legacy", na maturação, com muita fruta vingada, Barbeita - Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 66 e 67. Pomar de mirtilos muito afetado pelo granizo, Cossourado – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

5.2 Trás-os-Montes

Pomóideas e prunóideas

Para as pomóideas (maçã e pera) e para as prunóideas (cereja, pêssigo e ameixa), o ano de 2024 na Terra Fria ficou marcado por menores produtividades – em média menos 15%, quando comparado com o ano anterior. O mês de março foi um mês chuvoso e frio, seguindo-se o mês de abril com períodos de calor extremo, em que as temperaturas chegaram aos 30°C, induzindo uma floração fantástica nas pomóideas. No entanto, as irregularidades meteorológicas durante o mesmo mês, com dias de geada, granizo e temperaturas baixas, tiveram consequências negativas na polinização e no vingamento dos frutos.

No que diz respeito às prunóideas, as variedades mais precoces de cereja foram as mais afetadas pelas oscilações térmicas. O início da floração foi ótimo, mas o vingamento dos frutos foi comprometido, traduzindo-se em menores produtividades. As áreas destas culturas permanentes foram muito semelhantes ao ano anterior, pois são culturas com pouca representatividade nesta área de observação, à exceção do marmelo, onde se verificou um aumento significativo de 40% na Terra Fria, conforme a informação recolhida no Pedido Único do ano 2024, fornecida pelo IFAP – IP.



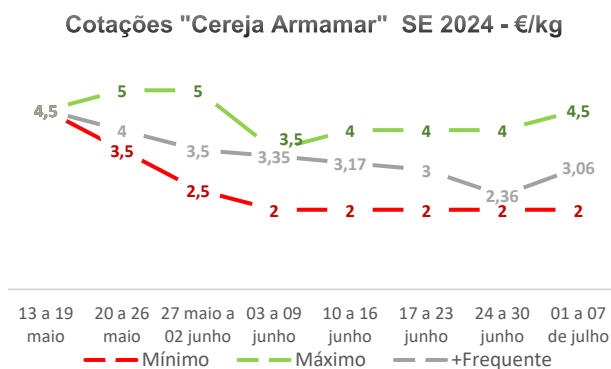
Figura 68. Cerejeira com poucos frutos e elevadas quebras de produção, 14.05.2024, Meixedo - Tarouca

Foto por: Suzana Fonseca

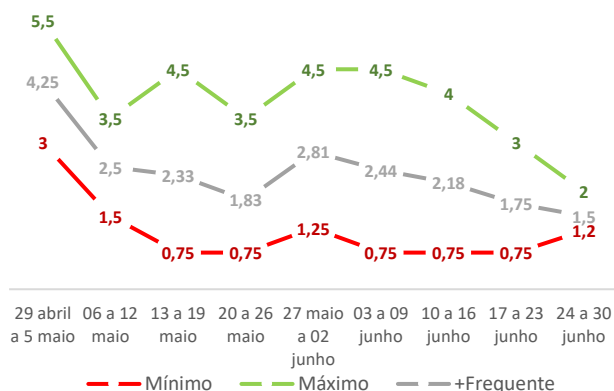
A produção total de cereja em Trás-os-Montes (TM) teve quebras na ordem dos 20%, sendo que em alguns concelhos do Douro Sul – onde a cultura tem grande representatividade – as perdas atingiram os 50%. Embora as maiores perdas tenham estado associadas ao mau vingamento dos frutos (em particular nas variedades temporãs), no final da campanha parte da produção ficou depreciada e não foi colhida, devido ao rachamento provocado pelas chuvas de maio.

Em 2024, a Divisão de Programas e Avaliação acompanhou não só o estado de desenvolvimento da cereja no campo, mas também a campanha de comercialização dos principais mercados da região – Resende, Alfândega da Fé e Douro Sul – com os dados obtidos a serem divulgados no Sistema de Informação de Mercados Agrícolas da plataforma do GPP.

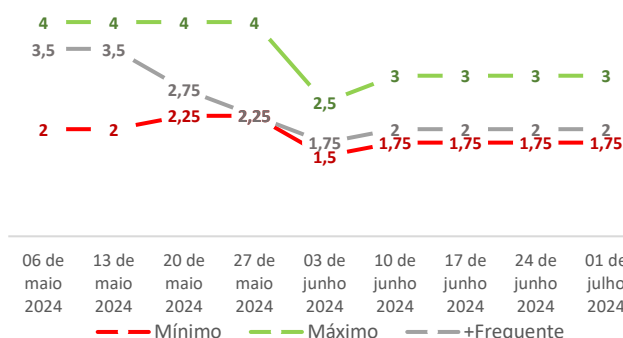
A análise dessa informação permite-nos tirar diversas elações, de onde se destaca o comportamento das cotações registadas em cada um dos mercados de produção.



Cotações "Cereja Resende" SE 2024 - €/kg



Cotações "Cereja Alfândega" SE 2024 - €/kg



Gráficos 7, 8 e 9. Evolução do preço da cereja no ano agrícola 2023/24, nas diferentes áreas de mercado de TM

Fonte: Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

O mercado da "Cereja de Armamar" (no Douro Sul) foi aquele em que se registou maior valorização do produto, certamente associada às elevadas quebras de produção e à qualidade das variedades nele produzidas.

No que respeita à maçã, 2024 revelou-se um bom ano de produção para a maçã de montanha do Douro Sul, equiparando-se aos valores alcançados no ano anterior.

O ano decorreu de forma normal, com os produtores desta região (principal zona de produção da Região Norte) a realizar cerca de 20 tratamentos fitossanitários, para prevenção/controlo de diversas pragas e doenças que afetam a cultura.

Face ao bom desenvolvimento da cultura e a uma elevada taxa de vingamento dos frutos, os produtores sentiram necessidade de realizar várias mondas de frutos químicas ou manuais, de forma a aumentar o calibre da maçã a colher.

Durante a primavera e o verão, a maçã esteve sujeita a períodos de calor extremo, que causou escaldão em parte da fruta, condicionando a sua capacidade de comercialização e conservação futura.



Figura 69. Macieiras em flor, 09.04.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 70. Macieiras em flor, 09.04.2024, Britiande - Lamego

A tempestade “Kirk”, ocorrida entre 8 e 9 de outubro, provocou sérios danos no final do período de colheita, deitando muita fruta ao chão (que deixou de ter capacidade de conservação e valor comercial) e provocando estragos na fruta que ficou nas árvores.

A fruta colhida após essa data estava “picada”, apresentava menor dureza e continha elevados teores de água, fatores que se revelaram determinantes na redução do seu poder de conservação nas câmaras de frio e/ou atmosfera controlada.

Estima-se que a quantidade de maçã encaminhada para a indústria em 2024/25 venha a ser consideravelmente superior à do ano anterior, situando-se entre os 20-25% da produção total (estes dados só serão possíveis de confirmar no final da campanha de comercialização).

O decréscimo de área plantada com macieiras apresentado no QPV2024 no Douro Sul não decorre do arranque efetivo de pomares no ano de 2024, mas sim de uma correção oportuna que se impunha realizar, face à realidade da região traduzida no Pedido Único de 2024 e em resultado de uma redução de área gradual.

A produção de pera também foi muito prejudicada pela precipitação e pelas geadas no período da floração e vingamento dos frutos, resultando em perdas de 30% em TM e de 54% no Douro Sul em particular.



Figura 71. Maçã de refugo, da variedade "Golden Delicious", colhida após a tempestade "Kirk", 14.10.2024, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 72. Maçã rachada, da variedade "Golden Delicious", aquando da tempestade "Kirk", 14.10.2024, Armamar

Em algumas freguesias do concelho de Armamar, a intensidade do vento foi tão grande que arrancou áreas inteiras de pomares jovens pela base. Nesses casos, a fruta que ainda não tinha sido colhida teve perda total.



Figuras 73 e 74 Queda de pomares de macieiras, devido à tempestade “Kirk”, 14.10.2024, Santa Cruz – Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 75 e 76. Queda de pomares de macieiras, devido à tempestade “Kirk”, 14.10.2024, São Gregório – Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

Mirtilo

A cultura do mirtilo tem pouca representação e importância em TM, sendo que na Terra Fria apenas está representada no concelho de Bragança. A área no ano de 2024 foi semelhante à da campanha anterior e relativamente à produtividade verificou-se um acréscimo de 5%.

6. Frutos secos

6.1 *Entre Douro e Minho*

Os frutos secos com alguma importância na sub-região do EDM são a castanha e a noqueira. A área de castanheiro do EDM representa apenas 3,5% da área do Norte e 4,5% do valor da produção do Norte. Já a área de noqueira do EDM representa 13% da área do Norte e 17% da produção total do Norte. A amendoeira e a aveleira têm áreas e produções residuais.

Em setembro os castanheiros apresentavam um aspeto vegetativo heterogéneo, já que a frutificação foi variável consoante as variedades e localização dos sotos. Apesar de um ligeiro aumento da área (+4%), houve menos produção (-14%), por comparação com o ano passado e o fruto foi de qualidade inferior, com calibre médio a pequeno, sem grande sabor e baixo poder de conservação. Observaram-se castanheiros com muitos ouriços em crescimento, enquanto se observaram castanheiros com ouriços secos, pequenos e abertos. A falta de chuva nos meses de verão comprometeu a formação do fruto. Muitos castanheiros pertencem a agricultores mais idosos e a colheita já não pode ser efetuada só com a mão-de-obra familiar, pelo que muitos nem efetuam a apanha.



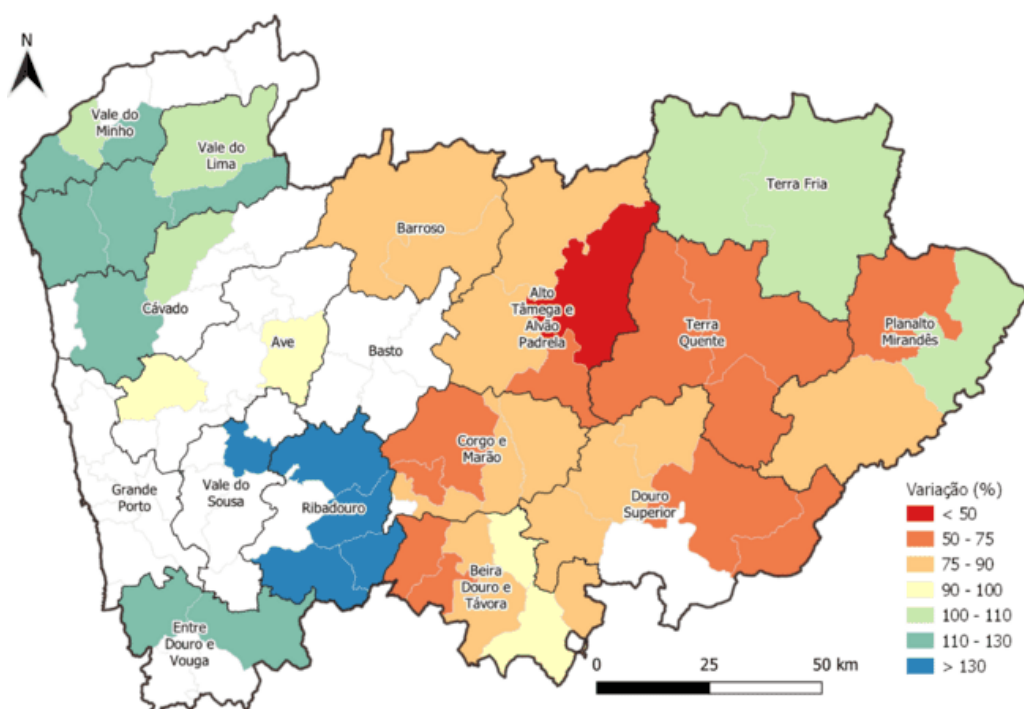
Figura 77. Plantação de castanheiros com cinco anos, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 78 e 79. Apanha da castanha “do cedo”, Braga, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura



Mapa 5 - Evolução da produção de castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.



Figura 80. Nogueira (em segundo plano) e castanheiro, onde se pode verificar a escassa quantidade de frutos e ouriços existentes, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

As nogueiras apresentaram um avanço na maturação em relação ao ano anterior, em que inicialmente se observava muita fruta, mas depois houve um ataque muito severo de bacteriose (*Xanthomonas campestris* pv.), o que levou à quebra de produção (-8%). Não se registou variação da área de nogueiral em relação ao ano passado.

6.2 Trás-os-Montes

Relativamente aos frutos secos da Terra Fria, nomeadamente noz, amêndoa, castanha e avelã, todos eles tiveram um ótimo ciclo vegetativo. Do ponto de vista fitossanitário, não se atingiram níveis de ataque que justificassem tratamentos fitossanitários relevantes.

É de referir que todas estas culturas de frutos secos, tiveram um aumento de área na Terra Fria.

Castanheiro

A cultura mais representativa e de maior importância económica na Terra Fria é o castanheiro, tendo-se registado um aumento de área em 633ha. A campanha de apanha iniciou-se mais tarde e foi longa, resultado de uma maturação mais tardia do fruto.

A precipitação durante o mês de outubro e a passagem da tempestade “Kirk” tiveram um impacto negativo nas plantas e no início da campanha de recolha. A ação do vento e a chuva intensa provocaram estragos por toda a área, onde eram visíveis ouriços caídos no solo (foto 86). No entanto, na zona de Rebordainhos, Salsas e Moredo (Bragança) este impacto foi mais significativo e, para além dos ouriços ainda verdes caídos no solo, também existiam castanheiros caídos e com os ramos partidos (fotos 81 a 85).



Figura 81. Aspeto de castanheiro com ramo partido junto à base do tronco, Espinhosela - Bragança



Figura 82. Aspeto de castanheiro totalmente partido, Moredo - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 83. Aspeto de um souto após a passagem da tempestade “Kirk”, com a castanha da variedade “Aveleira” toda no chão, 11.10.2024, Donai - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra



Figura 84. Castanheiro partido pela base, Rebordainhos – Bragança



Figura 85. Castanheiro com ramo partido, Sta. Comba de Rossas – Bragança



Figura 86. Aspeto dos ouriços imaturos no chão, Rebordainhos – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

A passagem desta tempestade teve um impacto negativo na produção total, facto que foi estimado em perdas na ordem dos 10%, na altura da elaboração do relatório de ECPC do mês de outubro.

Por toda a área da Terra Fria, na cultura do castanheiro continua-se a realizar a luta biológica com o inseto parasitóide *Torymus sinensis*, para atuar na vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*) na fase larvar. Os produtores, os técnicos de campo, as comunidades académicas e científicas declaram que a taxa de parasitismo tem aumentado e que no ano de 2024 assumiu um valor superior a 50%.

Em 2024 as largadas do parasitóide foram iniciadas a 10 e terminaram a 25 de maio, temporalmente mais tarde que na campanha anterior, uma vez que foi necessário aguardar que estivessem reunidas as condições meteorológicas e o estado vegetativo ideal no castanheiro, para o inseto parasitóide conseguir perfurar as galhas e parasitar os ninhos. Foram feitas 145 largadas do inseto parasitóide na Terra Fria, das quais 40 em Vinhais e 105 em Bragança.

A castanha encontrava-se em boas condições fitossanitárias, a taxa de bichado e de defeito foi baixa ao longo da campanha e o calibre do produto foi acima da média.



Figura 87. Apanha mecanizada de castanha da variedade “Longal”, Moredó – Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Na Terra Fria, e de um modo geral podemos considerar que foi uma campanha menos produtiva em cerca de 35-40%, face ao potencial que seria esperado. Neste momento esta é uma cultura fortemente ameaçada - as alterações climáticas estão a ter um forte impacto e doenças como a tinta, o cancro do castanheiro ou a vespa-das-galhas estão a ter uma influência manifestamente negativa na produção total da castanha.

Esta é a opinião unânime de diferentes titulares das explorações agrícolas, com os principais responsáveis pelos canais de comercialização/transformação a declarar que a fileira da castanha está fortemente ameaçada e que serão necessárias medidas de uma grandeza superior para travar o avanço de fungos e pragas, de forma a minimizar o forte impacto em toda a fileira de produção/comercialização, desde o produtor ao consumidor final.



Figura 88. Aspeto da castanha em tegão de descarga, em Unidade de comercialização da Terra Fria

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 89. Calibragem das castanhas

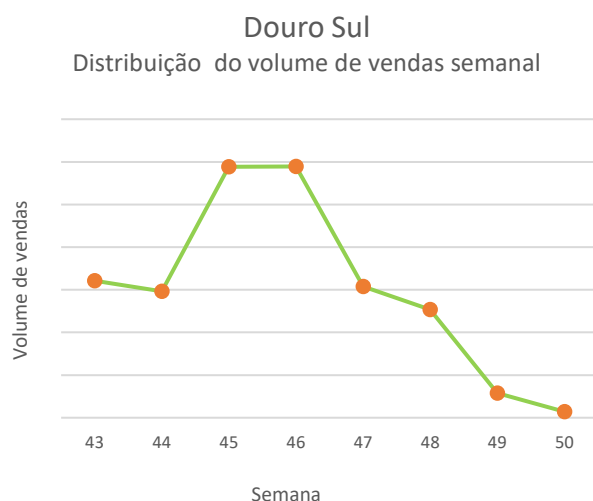
Na área de mercado do Douro Sul, onde encontramos parte da Denominação de Origem Protegida (DOP) dos Soutos da Lapa, a castanha também se apresenta como uma fileira estratégica, muito representativa em termos económicos, ocupando cerca de 4800 hectares de área total.

Também aqui a campanha decorreu sem constrangimentos, com os castanheiros a apresentarem um bom desenvolvimento vegetativo, sem acusar os problemas sanitários ocorridos no ano de 2023 – devido aos ataques severos de Septoriose e da podridão da castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*). Para isto muito contribuíram as ações preventivas tomadas pelos agricultores, com aplicação de bio estimulantes e de fungicidas com base em cobre.

Perto do final do ciclo a ocorrência de períodos de chuva favoreceu a maturação dos frutos e, em setembro, as previsões apontavam para um ano particularmente bom em castanha, quer em termos quantitativos, quer em termos qualitativos.

Tal como aconteceu noutras partes da região transmontana, a passagem da tempestade “Kirk” trouxe grande devastação ao Douro Sul, com estragos semelhantes aos de outras regiões – ouriços imaturos no chão, ramos partidos e árvores adultas caídas.

A colheita teve início a 21 de outubro de 2024 (semana 43), terminando a 02 de dezembro e a campanha de comercialização alongou-se até 15 de dezembro (semana 50).



Apesar dos prejuízos económicos resultantes da tempestade, a produtividade global desta região teve um aumento de cerca de 16%, com os frutos a apresentarem-se sãos e com calibres elevados.

Gráfico 10. Distribuição do volume de vendas de castanha no Douro Sul, no ano agrícola 2023/24

Fonte: Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA)

Amendoeira

A amendoeira é uma das culturas com maior expressão na região de Trás-os-Montes, em particular no Douro e no nordeste transmontano. Face ao ano de 2023, registou-se um aumento de área total de cerca de 2%, acompanhado por um aumento de produção de 14%.

O ciclo vegetativo desta cultura decorreu sem percalços e a floração foi boa, mas o vingamento do fruto foi afetado pela instabilidade atmosférica no início da primavera, a descida da temperatura nos dias 7; 8 e 9 de março e a queda de neve, que afetou os frutos que já estavam vingados. No início do verão observaram-se plantas com os crescimentos terminais do ano todos queimados e sem folhas, uma característica que acontece quando as plantas têm Moniliose (doença provocada por fungos do género *Monília* sp.).

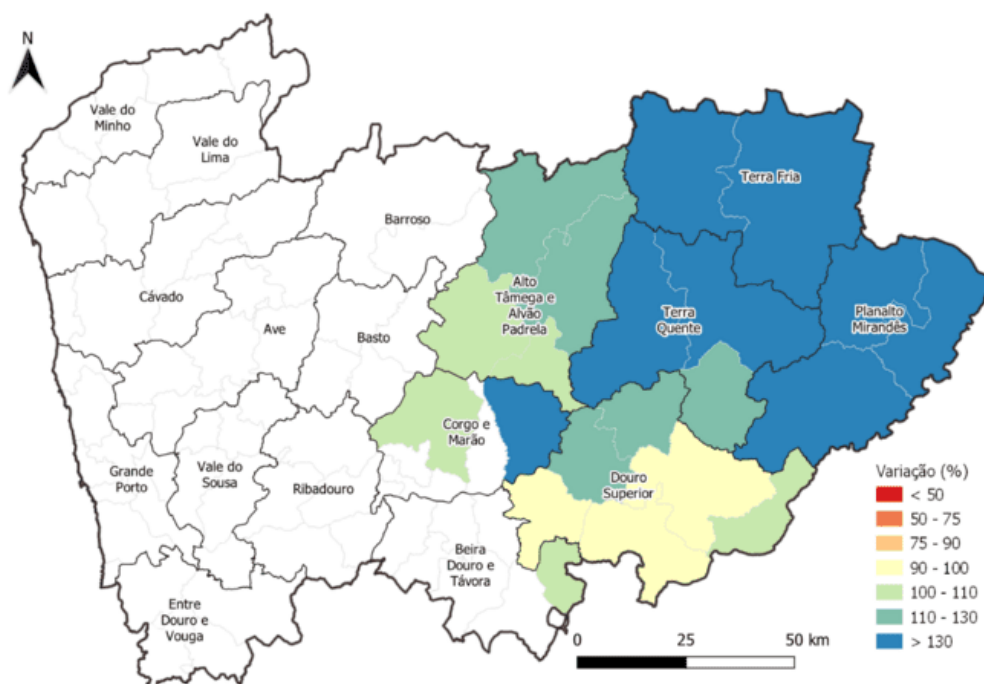
Em Bragança a amendoeira foi a segunda cultura com um aumento de área mais significativo, cerca de 92ha, segundo a informação recolhida no PU do ano 2024. Nesta cultura verifica-se que existem cada vez mais pomares jovens a entrar em produção, com um crescente aumento na produtividade e na produção total de amêndoa. A amendoeira começa a ocupar cada vez mais áreas de vinha e de castanheiros, que morrem consecutivamente, com os produtores a escolherem variedades de floração mais tardia, resultando num bom grau de satisfação com o desenvolvimento da cultura.



Figuras 90 e 91. Aspeto de um pomar em regime de sequeiro e pormenor da amêndoa, Curopos – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

A produtividade foi muito semelhante ao ano anterior, no entanto mais baixa do que é espectável para a Terra Fria. A campanha de apanha iniciou-se a meio do mês de agosto e terminou em setembro, não se verificando constrangimentos com a secagem e a comercialização deste produto.



Mapa 6 - Evolução da produção de amêndoa por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.

Nogueira

O ciclo cultural das nogueiras para o ano em causa, foi o normal para a zona da Terra Fria, com a campanha de recolha da noz a iniciar-se a 12 de outubro, cerca de 8 dias mais tarde em relação ao ano anterior.

O início da colheita foi coincidente com a passagem da tempestade Kirk, provocando a queda massiva dos frutos. O excesso de precipitação que ocorreu no outono dificultou a apanha e a operacionalização das máquinas. As nozes apresentavam excesso de humidade, o que dificultou a secagem e elevou os gastos de apanha/secagem.

Segundo declarações dos produtores, os calibres foram ligeiramente inferiores à campanha anterior, verificando-se maiores assimetrias nos frutos.

O grão foi de excelente qualidade e a taxa de defeito neste fruto seco foi muito baixa, estimando-se um valor de 2%. Estamos perante uma campanha próxima da normalidade para esta zona, com produtividades ligeiramente inferiores à campanha anterior.

Não se registaram constrangimentos no circuito de comercialização deste produto e os produtores e agentes comerciais declaram que seria necessária mais produção para satisfazer a procura que existe pelo produto noz.

O aumento de área na cultura da noz para o concelho de Bragança só se verificou em cerca de 10ha.



Figura 92. Aspeto de um pomar de nogueiras, em regime de sequeiro, Quintela – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figuras 93 e 94. Aspeto das nozes com casca e do grão, Vinhais

Aveleira

A cultura da avelã está em crescimento em TM, com a Terra Fria a aumentar a sua área em cerca de 25% (num total de 21 hectares, 16,5 dos quais no concelho de Vinhais onde a cultura está bem-adaptada). O aumento global de área para a região transmontana foi de 16%, em relação ao ano de 2023.

O ciclo vegetativo desta cultura decorreu dentro da normalidade e as produtividades foram superiores quando comparado com o ano anterior.



Figura 95. Avelã em agosto 2023, Outeiro - Bragança



Figura 96. Avelã em agosto 2024, Gostei - Bragança



Figura 97. Avelã caída no solo, setembro 2024, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

No término do ciclo vegetativo, aquando da colheita, os ventos fortes e a precipitação que ocorreram a partir do dia 20 de setembro provocaram a queda dos frutos no solo (ver foto 97), obrigando os produtores a efetuarem uma recolha rápida. A presente campanha e de forma geral, o ciclo vegetativo da planta atrasou, comparativamente ao ano anterior e os frutos apresentavam calibres menores. Os produtores declararam que os jovens pomares estão cada vez mais produtivos e nos últimos anos verificou-se um aumento significativo desta cultura.

7. Uva para vinho e de mesa

7.1 *Entre Douro e Minho*

A uva de mesa tem área e produção residual no EDM, tendo havido diminuição ainda que ligeira (-4% na área e -3% na produção), enquanto a uva para vinho representa uma das principais atividades agrárias desta sub-região.



Figura 98. Vinha da casta "Loureiro" no início do fecho dos cachos, sem problemas fitossanitários, Verdoejo - Valença zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Na zona de produção do “Alvarinho” o ciclo vegetativo da vinha iniciou-se, como é normal, em março, e com uma rebentação bastante heterogénea. As condições meteorológicas da primavera provocaram algum desavinho, mas, ainda assim, foi possível controlar a proliferação das doenças, nomeadamente do míldio. Fruto dos graves problemas que tiveram em 2023, os viticultores este ano de 2024, estiveram mais atentos na realização dos tratamentos fitossanitários, tendo-se efetuado um número superior ao normal. De referir que, nas vinhas em modo de produção biológica, foi possível controlar normalmente o míldio, o que não aconteceu o ano passado.

A vindima iniciou-se nos primeiros dias de setembro e decorreu com bom tempo, o que beneficiou ainda mais a qualidade da uva produzida.

Apesar do vingamento ter sido inferior ao ano anterior, houve um aumento da produção (+29%) em relação ao ano passado, não tendo havido alteração da área de vinha. O “Alvarinho” continua com boas perspetivas na comercialização dos vinhos. aqui produzidos, seja para o mercado nacional, seja para exportação. O problema que se colocou neste ano foi a falta de *stock* para satisfazer a totalidade das encomendas.

Na restante região vinícola do EDM, as vinhas em abril apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, muito devido às temperaturas e à chuva, que influenciaram os processos fisiológicos de desenvolvimento da videira. A casta “Loureiro” (branco) do ponto de vista fenológico, encontrava-se adiantada para a época, verificando-se dois a três cachos por videira. A casta “Vinhão” (tinta), devido às temperaturas mais altas, estava a ter um desenvolvimento vegetativo também adiantado para a época. Em maio, a casta “Loureiro” estava na fase da floração e a casta “Vinhão” estava na fase de botões florais separados.

As condições meteorológicas pouco favoráveis na época de floração causaram algum desavinho e bagoinha, principalmente na casta “Arinto”, que resultou em bagos mais pequenos e cachos menos volumosos. A casta “Avesso” sofreu índices de escaldão significativos, devido a temperaturas máximas que atingiram valores recorde na região, tendo em alguns locais sido ultrapassado os 40 °C.

Apesar das chuvas ocorridas serem favoráveis ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas, os viticultores que começaram a tratar mais cedo controlaram melhor o míldio e o oídio.

Em junho as vinhas encontravam-se entre os estados fenológicos K (grão de ervilha) e L (fecho de cacho), sendo o seu desenvolvimento vegetativo considerado normal. Em julho, as vinhas apresentaram um desenvolvimento vegetativo normal, apresentando cachos bem formados e com bagos desenvolvidos e foram observados vestígios de míldio e podridão. Além disso, foram também registados alguns casos de escaldão devido aos picos de calor. Para mitigar a perda de produção causada pelas altas temperaturas, os viticultores aumentaram as regas e as colheitas foram realizadas em setembro.

Para o “Loureiro”, o ano foi caracterizado por uma maturação razoável, mas com uma menor produção. Por outro lado, o “Vinhão” teve um bom ano, com boa maturação e boa produção.

De uma forma geral, registam-se vinhos com boa qualidade e em comparação com o ano anterior registou-se um aumento considerável da produção vinícola (+ 47%).

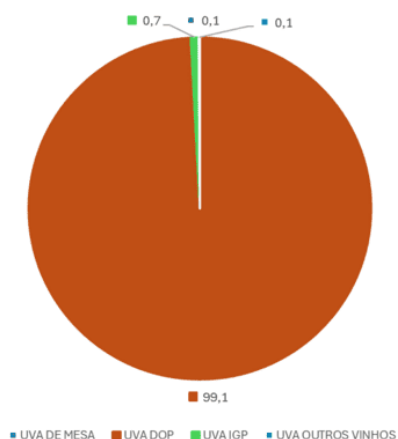


Gráfico 11. Área de vinha em 2024, em hectares, em função do destino da uva

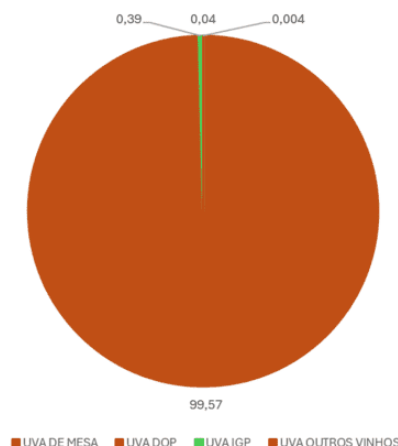


Gráfico 12. Produção da vinha em 2024, em toneladas, em função do destino da uva



Figura 99. Casta "Vinhão", em cachos separados (estado G), Paçô, zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho



Figura 100. Casta "Vinhão", com bom desenvolvimento vegetativo, zona de observação do Lima



Figura 101. Cachos de uva da casta "Loureiro" no estado L (fecho de cacho), Moreira de Geraz do Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 102. Casta "Vinhão", Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

7.2 Trás-os-Montes

No QPV de 2024 foi realizada uma atualização da área global de vinha na região de Trás-os-Montes, com base nos valores do Pedido Único de 2024, resultando numa redução de cerca de 16%.

Para efeitos de contabilização, e considerando que o parcelário é atualmente a ferramenta mais fiável no que diz respeito à área de culturas permanentes (em especial da vinha, com o parcelário vitícola a ter por base os mesmos valores), procedeu-se a uma correção das nossas bases de dados, sem que isso se traduzisse no registo de “arranques do ano”.

Na Terra Fria a área de vinha foi considerada igual à do ano anterior, com ligeira redução ao nível da produção total (-5%). O ciclo vegetativo da videira foi normal por toda a região, mas necessitou de uma monitorização mais próxima e de mais tratamentos fitossanitários preventivos, com intervalos de tempo menores, uma vez que as oscilações térmicas e a precipitação mais presente durante a primavera e verão, poderiam dar origem ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas na videira.

Foi no dia 12 do mês de setembro que a principal unidade de transformação da Terra Fria iniciou a campanha de transformação da uva, terminando na primeira semana do mês de outubro. A campanha decorreu dentro da normalidade e, em termos temporais, mais tarde e mais longa que no ano anterior, uma vez que a maturação das uvas estava atrasada.

Segundo os responsáveis da principal unidade de transformação local (Adega Cooperativa do Rabaçal - Rebordelo), em 2024 não se verificou procura de uvas por parte de outras regiões, pelo que a cooperativa teve um acréscimo de sócios e de produção entregue.

Os responsáveis declararam que, no geral, tanto as uvas tintas como as uvas brancas apresentaram qualidade razoável, sem problemas fitossanitários, mas com menor teor de açúcar, comparativamente ao ano anterior, tendo produzido mostos com menor teor alcoólico (13,04% Vol. nas uvas tintas e 12,6% Vol. nas uvas brancas).

Segundo os mesmos responsáveis, este ano a Cooperativa recebeu menos 0,8% de uvas em relação ao ano anterior, o que correspondeu a uma diferença de 14 toneladas. Apesar de parecer residual, este valor não traduz a realidade da região, apenas se podendo ler como um indicador da tendência (menor produção), uma vez que, por falta de alternativa, os produtores viram-se obrigados a entregar toda a produção na cooperativa.



Figura 103. Aspeto dos cachos de uvas tintas, regime sequeiro, Rebordelo - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 104. Sonda a fazer a colheita de amostra e medição do teor de açúcar nas uvas, Rebordelo - Vinhais



Figura 105. Aspeto das uvas brancas no tegão de descarga, Rebordelo - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 106. Aspeto das uvas tintas no tegão de descarga, Rebordelo - Vinhais

Também se constatou que a quantidade de uvas brancas entregues tem diminuído ao longo dos anos, pois os produtores foram optando pelas uvas tintas. Segundo os responsáveis das unidades de produção, há falta de uvas brancas no mercado. No entanto neste momento o que se verifica é que o consumo de vinho branco e rosé está a aumentar e que os vinhos com menor teor alcoólico – com maior consumo na primavera/verão – são mais procurados pelos consumidores mais jovens e pelos turistas. As unidades de transformação afirmam que a quantidade de vinho branco é menor e que a sua venda está assegurada. Relativamente ao vinho tinto, a procura é mais baixa e existe muito vinho em *stock* da campanha anterior.

No Douro Sul, que engloba a Região Demarcada do Douro, a redução de área resultante da correção foi de 12% e a produção total acompanhou essa variação.

Tal como ocorreu noutros locais da Região Norte, em 2024 a procura por uvas foi mais reduzida, em resultado do excesso de *stock* de vinhos do ano anterior.

Várias empresas privadas reduziram a aquisição de uvas externas, pelo que os produtores associados de Adegas Cooperativas se viram forçados a escoar a produção através deste canal ou a vinificar em adega própria (quando existente). Houve várias situações em que, por falta de solução, os produtores não realizaram a vindima, deixando as uvas nas videiras, com elevadas perdas de rendimento.



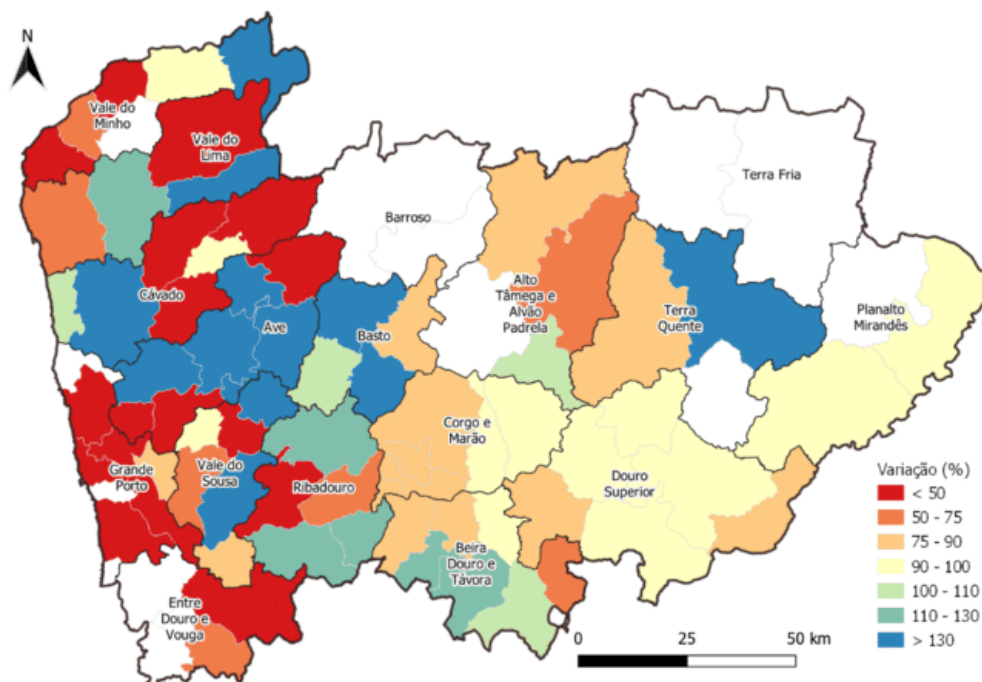
Figura 107. Uvas tintas na fase de maturação, 20.08.2024, Vila Real

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 108. Uvas brancas na fase de maturação, 20.08.2024, Armamar

O ciclo vegetativo das videiras decorreu com normalidade, num ano em que a disponibilidade hídrica permitiu um bom desenvolvimento e elevada frutificação das plantas. Como já foi referido, houve necessidade de os produtores estarem mais atentos à ocorrência de doenças criptogâmicas, intervindo preventivamente com a realização de tratamentos fitofarmacêuticos. A produção não foi prejudicada e as uvas chegaram ao final da maturação cumprindo bons parâmetros de qualidade.



Mapa 7 - Evolução da produção de uvas para vinho por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.

8. Azeitona para azeite e de mesa

8.1 *Entre Douro e Minho*

A área de olival no Entre Douro e Minho manteve-se igual, por comparação com a do ano passado. A área da azeitona para mesa é muito residual, tendo a produção em 2024 sido nula.

Quanto ao ciclo fenológico da azeitona para azeite, apesar de se ter verificado uma boa nascedura, as chuvas durante a floração provocaram a queda de parte da flor e as oscilações meteorológicas associadas aos temporais de setembro e outubro seguintes levaram à queda de muitos frutos vingados.

Apesar de ser um ano de contrassafra, a produção foi muito fraca (-80%), com poucas azeitonas em grande parte das oliveiras.



Figura 109. Oliveira com pouca azeitona vingada, Nogueira – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 110. Oliveira com pouca azeitona vingada, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Parte do fruto também caiu, porque há produtores que não realizam os tratamentos contra a mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*) e contra a gafa (*Gloesporium olivarum*).

Como havia pouca azeitona na região, os lagares da sub-região laboraram poucos dias e, para isso, tiveram de recorrer a azeitona de outras proveniências para assegurarem a laboração, sendo que houve lagares que nem abriram.

O fecho de lagares onde os produtores tradicionalmente vão laborar o seu azeite, é outro fator que desincentiva a colheita.



Figura 111. Olival antigo, Cardielos, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

8.2 Trás-os-Montes

Tal como aconteceu noutras culturas (pomares, vinha, ...), e pelos motivos anteriormente descritos, procedeu-se no QPV 2024 à correção das áreas de olival em função dos valores declarados no Pedido Único 2024. Para a região de TM, esta correção resultou numa diminuição de área de aproximadamente 3,5%, mais significativa na região do Douro Sul (-12%).

Na Terra Fria a cultura do olival não sofreu acréscimo de área, sendo mantidas em ambos os concelhos considerados (Bragança e Vinhais), comparativamente ao ano anterior. As condições climatéricas foram favoráveis ao ciclo vegetativo desta cultura, mas a maturação da azeitona foi mais tardia, não se verificando problemas fitossanitários de importância relevante.

A campanha de apanha começou a meio do mês de novembro, com a abertura das unidades de transformação cerca de 10 dias depois, quando comparado com igual período do ano anterior. A colheita terminou a meio do mês de janeiro de 2025, também mais tarde que na campanha anterior. Foi uma campanha mais longa, devido à constante precipitação que dificultou a colheita e à falta de mão de obra.



Figuras 112 e 113. Aspeto da azeitona, em olival tradicional de sequeiro, novembro 2024, Izeda - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Os responsáveis das unidades de transformação declararam, de forma unânime, que o maior volume de azeitona entregue nas unidades concentrou-se no início do mês de dezembro (mais tarde que o usual), uma vez que a azeitona inicialmente ainda não tinha a devida maturação e os rendimentos estavam a ser baixos.

Declararam também que a taxa de bichado era baixa e que a azeitona estava em ótimas condições fitossanitárias (ver fotos 112 e 113). A produtividade foi superior à do ano anterior. A campanha decorreu sem percalços, apesar de ter sido feita sempre com muita precipitação.

Nestes concelhos transmontanos foi uma campanha com produções e produtividades superiores, quando comparado com o ano anterior, com um acréscimo de produção médio de 40% em azeitona. O rendimento médio da campanha foi de 18% (mais 30% em hl de azeite, em relação ao ano anterior) e produziram-se azeites com um grau de acidez médio de 0.3°. A produtividade e a produção assumiram valores mais próximos do normal e potencial nesta área de observação.

O azeite foi classificado maioritariamente como virgem extra de excelente qualidade e com ótimas propriedades organoléticas (fotos 114 e 115). Não foram verificados constrangimentos no circuito de comercialização, tanto da azeitona como do azeite.



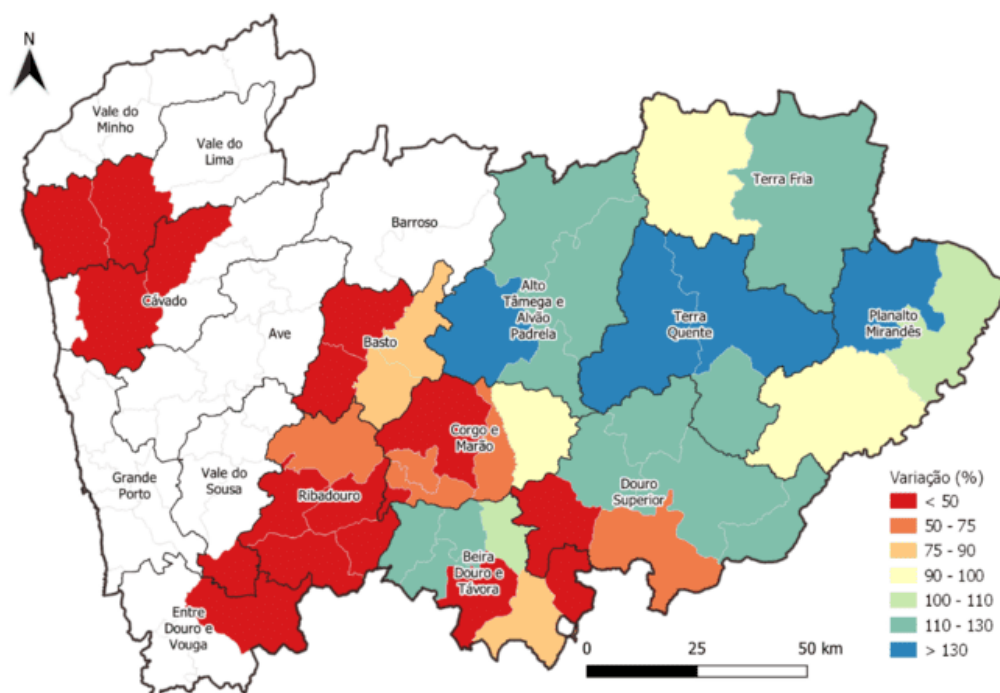
Figuras 114 a 116. Aspeto da azeitona e do azeite, em olival de sequeiro, dezembro 2024, Izeda - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

A produção total em TM teve um acréscimo de 15%, apesar da redução de área.

Contudo, no Douro Sul a produção sofreu uma grande redução em relação a 2023 (-20%), pois houve concelhos em que o vingamento do fruto foi afetado pelas condições meteorológicas.

O rendimento em azeite (também chamado de “rendimento de funda”) nesta zona de TM também foi inferior ao do ano anterior.



Mapa 8 - Evolução da produção global de azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020 -2024.

9. Prados, pastagens e culturas forrageiras

9.1 *Entre Douro e Minho*

Quer os prados e pastagens, quer as culturas forrageiras regra geral, apresentaram um bom desenvolvimento vegetativo, pois as condições meteorológicas foram favoráveis. No início do ano as pastagens pobres estavam ligeiramente menos desenvolvidas em comparação com as restantes, o que não deixa de ser normal para a época do ano, principalmente em locais de maior altitude.

Nas zonas de montanha em que nevou durante o mês de março, foi necessário fornecer mais alimento aos animais, nomeadamente fardos de feno e rações industriais para alimentar as diferentes espécies pecuárias, pois o pastoreio nem sempre foi possível. As pastagens tiveram um desenvolvimento vegetativo semelhante ao ano anterior, sendo que as pobres se desenvolveram melhor, porque houve pouca geada.

Nas unidades pecuárias de maior dimensão, a gestão do armazenamento dos efluentes pecuários foi dificultada por atrasos na distribuição de chorume nas parcelas destinadas a forragem.

Quanto ao milho forrageiro, que é a cultura forrageira mais importante em EDM, em alguns locais a germinação não foi a ideal, tendo sido necessário proceder a uma segunda sementeira.

O custo e a qualidade da silagem de milho foram afetados pelas adversidades climáticas, como seja o excesso de pluviosidade e os efeitos da tempestade “Kirk” e as máquinas demoraram mais tempo na realização das operações de silagem, o que se traduziu num aumento dos custos.

A silagem tinha menos qualidade – mais matéria seca, sujidade (terra) e algum grão já estava germinado e podre. Aquando da abertura dos silos de milho, já em 2024, alguma silagem produziu toxinas e foi necessário a adição de adsorventes, para minimizar os efeitos negativos da utilização de um produto com menor qualidade na alimentação animal. Houve registos de leite com toxinas.

Continuaram a verificar-se estragos provocados pelos ataques dos javalis nesta cultura, um pouco por toda a sub-região do EDM.

Houve produtores que tinham feito o corte de limpeza nas culturas de azevém forrageiro, consociações anuais e pastagens temporárias e depois, vendo-se impedidos de semear o milho devido à elevada precipitação verificada, realizaram um segundo corte que foi utilizado para alimentação em verde do efetivo animal.

As sementeiras feitas em outubro 2023 sofreram com um mês seco e quente.

As condições meteorológicas em abril, maio e junho foram muito instáveis para as operações de colheita e armazenamento das forragens e os produtos obtidos (fenos, palhas ou silagem) nem sempre tinham boa qualidade.

A colheita tardia das forrageiras de outono-inverno, algumas em junho, atrasou a sementeira da cultura seguinte, o milho.

O fim de campanha decorreu com temperaturas altas e chuvas - na segunda semana do mês de outubro as condições meteorológicas alteraram-se abruptamente e verificaram-se períodos de chuva muito intensa e ventos fortes, causados pela tempestade “Kirk”.

Nos dias 8 e 9 a tempestade causou estragos com prejuízos significativos na cultura do milho grão e no milho para silagem, que ainda estavam por colher. As chuvas e os ventos intensos fizeram com que muitas espigas caíssem e as plantas tombassem o que veio a dificultar a colheita.



Figura 117. Prados e pastagens permanentes, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 118. Parcela de azevém forrageiro com aspeto amarelado devido ao encharcamento do solo, Verdoejo - Valença, zona de observação do Cávado

Foto por: Aurora Alves



Figura 119. Consociações de azevém com trevo-encarnado, Areosa, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

As áreas semeadas são iguais às do ano passado para todas as forrageiras e pastagens, porque não se verificou qualquer alteração significativa no estado do efetivo pecuário. Nesse sentido, tudo indica que os agricultores continuam com as mesmas áreas, de forma a garantir comida suficiente para os animais.



Figura 120. Campos com forragem espontânea, Sistelo, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 121. Paisagem rural, onde se observam bovinos a pastorear, apesar das temperaturas negativas, Gavieira, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Devido às adversidades climatéricas acima descritas, a produção das pastagens permanentes, assim como das culturas forrageiras foi igual à verificada no ano transato.



Figura 122. Milho para silagem, tombado devido À tempestade “Kirk”, Carreço, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 123. Parcela de milho para silagem, que foi afetada pela tempestade “Kirk”, depois de ter passado a máquina de colheita, Mozelos – Paredes de Coura

Foto por: Aurora Alves

9.2 Trás-os-Montes

Em 2024 registou-se um aumento da área de pastagens temporárias na região transmontana. Contudo, todas as restantes culturas forrageiras (semeadas) sofreram um decréscimo, destacando-se as leguminosas forrageiras, as raízes e couves forrageiras e as pastagens permanentes como aquelas com maiores reduções de área.

Esta tendência de redução tem sido gradual nos últimos anos, acompanhando a diminuição dos efetivos animais na região.

Durante todo o ciclo cultural das culturas herbáceas, as plantas apresentaram um ótimo desenvolvimento, favorecido pela disponibilidade hídrica do solo e pelo tempo ameno, aliado à ocorrência de alguma precipitação durante a primavera.

Segundo afirmado por vários produtores pecuários, foi um ano de muito feno com boa qualidade, tendo sido repostas as reservas de feno nas explorações. O setor demonstrou segurança e solidez na atividade pecuária.

Cultura	Área em 2023 (ha)	Área em 2024 (ha)	Variação (%)
Pastagens temporárias	3587	4089	+14%
Aveia forrageira	9891	8466	-14,4%
Consociações anuais	1816	1806	-0,5%
Azevém	819	715	-12,7%
Leguminosas forrageiras	232	156	-33%
Milho forrageiro	2155	1685	-21,5%
Sorgo forrageiro	1589	1586	-0,2%
Raízes e couves forrageiras	1425	887	-37,8%
Outras forrageiras	1232	201	-83,7%
Pastagens permanentes semeadas	3630	2371	-34,7%
Pastagens permanentes melhoradas	46924	36849	-21,5%
Pastagens permanentes pobres	76826	65965	-14,15%

Quadro 2. Áreas de pastagens e culturas forrageiras em Trás-os-Montes, em 2023 e 2024 (valores arredondados à unidade)

Fonte: Quadro de Produção Vegetal (QPV) 2023 e 2024

De uma forma geral, a natureza permitiu que as culturas forrageiras apresentassem bom desenvolvimento e estado vegetativo, resultando em produtividades elevadas.

Os vulgarmente designados “lameiros” conseguiram manter matéria verde ao longo do ano agrícola, mesmo nos períodos mais quentes, providenciando alimento aos animais através do pastoreio direto, sem que os produtores tivessem de recorrer tanto a rações e farinhas, como o fizeram em anos anteriores.



Figura 124. Pasto com matéria verde, agosto de 2024, Penas Roias – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Por toda a zona da Terra Fria, as culturas forrageiras – pastagens espontâneas (fotos 125 e 126) ou semeadas e os prados – foram as que apresentaram melhores produtividades. As pastagens temporárias espontâneas ou semeadas e as pastagens pobres (fotos 127 e 128) foram mais produtivas que na campanha anterior (próximas e em alguns casos superiores ao normal).



Figura 125. Pastagem permanente de sequeiro, 24.05.2023, Gimonde – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 126. Pastagem permanente de sequeiro, 17.05.2024, Gimonde – Bragança

MESMA PARCELA

No geral, todos os produtores declararam que recolheram mais feno/forragens e de melhor qualidade do que na campanha anterior (fotos 125 a 128) e em todas as culturas forrageiras verificou-se um acréscimo médio de produtividade de 35%, face ao ano anterior.



Figura 127. Pastagem pobre de sequeiro, maio 2023, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 128. Pastagem pobre de sequeiro, maio 2024, Gimonde - Bragança

MESMA PARCELA

Os produtores pecuários declararam que ao longo do ano recorreram a menores quantidades de rações/concentrados, para manterem os seus efetivos pecuários.

As culturas forrageiras resultantes de misturas de cereais com leguminosas (fotos 129 e 130) e as aveias forrageiras (fotos 132 e 133) também foram mais produtivas e, segundo os produtores, foi possível obter maior quantidade de silagem e mais fardos, para as mesmas áreas semeadas, com a silagem a apresentar melhor qualidade quando comparado com o ano anterior.



Figura 129. Cultura forrageira mistura de tritcale com leguminosas, 25.05.2023, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 130. Cultura forrageira mistura de tritcale com leguminosas, 17.05.2024, Gostei - Bragança

MESMA PARCELA



Figura 131 - Cultura forrageira mistura de triticales com leguminosas, 05.06.2024, Gostei - Bragança.

Foto cortesia de: Amadeu - Nordeste Gado



Figura 132. Aveia forrageira, 20.05.2024, Soeira - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 133. Operação de corte de aveia forrageira, 06.06.2024, Vila Meã - Bragança
MESMA PARCELA

As culturas de milho também contribuíram para o armazenamento de alimento na forma de silagem, sendo que o milho de sequeiro teve maior produção face ao ano anterior (devido à humidade dos solos).



Figura 134. Milho de sequeiro, agosto de 2024 (mês de pluviosidade praticamente nula), Vale da Madre - Mogadouro

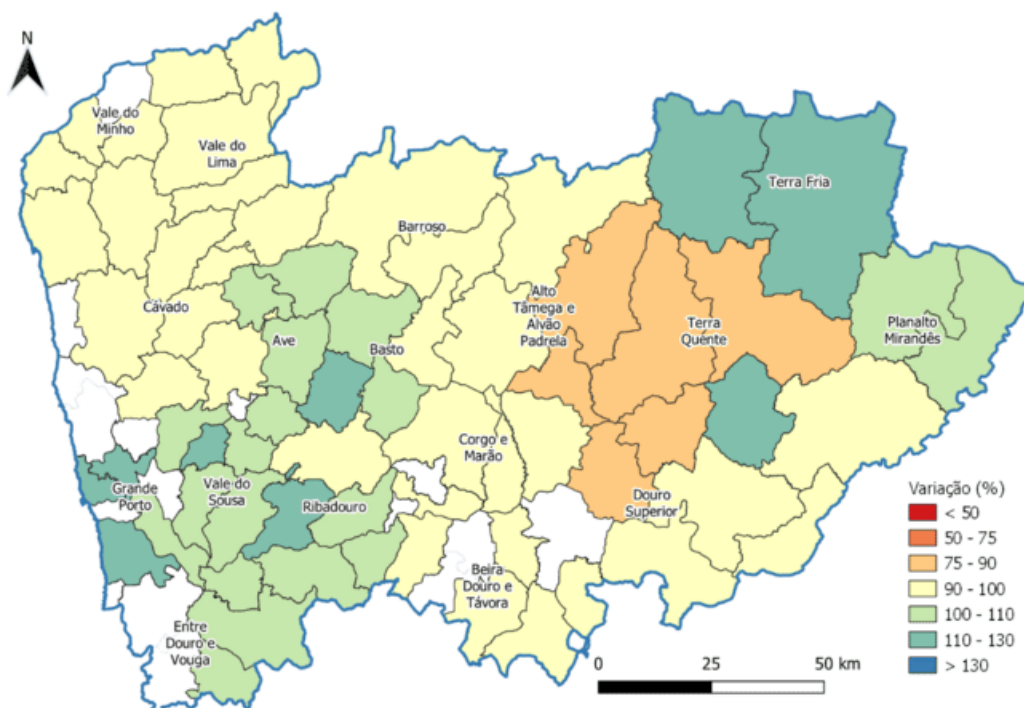
Foto por: Miguel Martins

A cultura do milho decorreu sem problemas conhecidos, teve uma boa germinação e desenvolvimento. Por regra, e quando a cultura tem pouca densidade, é consumida *in loco* pelos animais (pequenos ruminantes), colhida para consumo em verde pelos animais estabulados ou destinada à silagem em verde (principal destino). Em 2024 o armazenamento decorreu sem constrangimentos, pois a matéria-prima era sã e permitiu um normal armazenamento.



Figura 135. Milho de sequeiro, novembro de 2024, Castelo Branco - Mogadouro (nos diversos locais monitorizados, a cultura não mostrou sinais de stress hídrico em qualquer momento do ciclo vegetativo)

Foto por: Miguel Martins



Mapa 9 - Evolução da produção global de pastagens permanentes melhoradas por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024.

10. Fitossanidade

10.1 Entre Douro e Minho

As condições meteorológicas da primavera foram favoráveis à propagação das doenças nas culturas, nomeadamente do míldio na vinha e batatais, da erinose na vinha e das podridões no mirtilo. Também foram favorecidas as pragas, como os caracóis na vinha e a mosca do mediterrâneo na laranja.

As condições climáticas – com persistência de precipitação e oscilações de temperatura – causaram algumas manchas de míldio e prejudicaram o desenvolvimento final da batata de sequeiro (batata primor). Este ano houve menor pressão da “traça da batateira” e, consequentemente, maior facilidade no seu controlo.

Houve registos de impactos razoáveis do alfinete na cultura do milho (*Diabrotica speciosa*), devido ao facto das moléculas fitossanitárias disponíveis no mercado não estarem a surtir o necessário e esperado efeito de controlo.

A persistência de dias com chuva facilitou o desenvolvimento de gomose basal e míldio (aguado), que provocaram a queda de frutos nas árvores de citrinos deficientemente tratadas. Nos pomares melhor cuidados não se registaram dificuldades no controlo destas doenças. Observam-se alguns estragos nos rebentos jovens provocados por ataques de lagarta mineira, "*Phyllocnistis citrella* Station", especialmente nos pomares familiares. As variedades de citrinos mais temporãs ficaram bastante expostas a ataques da mosca da fruta, que se prolongaram até ao fim do Outono.

Há registos de haver castanheiros atacados pela doença comumente conhecida por "podridão da castanha", provocada por um fungo com nome científico *Gnomoniopsis castânea* (ou *Gnomoniopsis smithogilvyi*). A contaminação aconteceu nas flores, nas folhas e nos ramos dos castanheiros, notando-se um acréscimo desta nos soutos mais infestados pela "vespa das galhas", o *Dryocosmus kuriphilus*.

Porque 2023 foi um ano muito complicado em termos fitossanitários, em 2024 os agricultores estiveram muito mais atentos na realização dos tratamentos, repetindo-os frequentemente devido à chuva, o que resultou num controlo bastante eficaz das doenças e pragas. Refira-se que, na vinha, o número de tratamentos realizados foi superior ao normal tendo, alguns viticultores, realizado 14 ou 15.



Figura 136. Míldio em folha de videira, na casta "Alvarinho", Pinheiros – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 137 e 138. Videira fortemente atacada pelos caracóis (esq.) e pormenor da praga a atacar a folha (em cima), Pias – Monção, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves

A estação de avisos do EDM emitiu 18 circulares ao longo de todo o ano de 2024, onde foi reportando a evolução da ocorrência de pragas e doenças nas culturas mais importantes do EDM.



Figura 139. Erinose em folha de videira, Pias – Monção, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figuras 140 e 141. Bacteriose do kiwi (PSA), zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho



Figuras 142 e 143. Vinha com sintomas de míldio intenso (esq.) e cachos da casta "Loureiro", com sintomas de míldio e podridão cinzenta (dir.), zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho



Figura 144. Videira da casta "Vinhão", com vestígios de míldio e podridão, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 145. Míldio em folha de batateira, Pinheiros – Monção, zona de observação do Lima

Foto por: Aurora Alves



Figura 146. *Botrytis* no mirtilo, Formariz – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 147 e 148. Laranja picada pela mosca do Mediterrâneo (*Ceratitidis capitata*), Lovelhe – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figura 149. Laranjeiras com muita queda de fruta, zona de observação do Vale do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 150. Castanhas afetadas por ataques de bichado, Braga, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 151. Cancro bacteriano da oliveira, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

10.2 Trás-os-Montes

A abundância de água no ano de 2024 não beneficiou todas as culturas da mesma forma, registando-se algumas quebras de produção em determinadas culturas permanentes e temporárias.

Como foi referido no início deste relatório a primavera foi chuvosa, com ocorrência de geadas pontuais, comprometendo assim a floração e o vingamento dos frutos de algumas culturas permanentes, dependendo dos locais onde estão implantados os pomares. Nesta situação estiveram as cerejeiras, com perdas muito elevadas nas variedades temporãs, as variedades mais tardias de amendoeiras e determinadas variedades de oliveiras.

A cultura da batata foi uma das grandes prejudicadas com as condições atmosféricas, registando grandes perdas associadas à pressão do míldio.

Foi necessário um reforço na aplicação de produtos fitofarmacêuticos, com vista à prevenção e/ou tratamento de doenças e insetos potenciados pela humidade persistente e temperaturas elevadas.